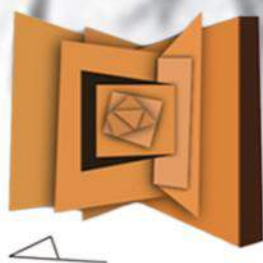


João Simões Lopes Neto

# Gauchescos

100 anos da escrita... 100 anos de leituras

JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE  
(ORG.)



*Caderno de Letras*

ISSN 0102-9576 (impressa) | ISSN 2358-1409 (online)

Edição especial número 1, 2015



JOÃO SIMÕES LOPES NETO

# **Gontos Gãuchescos**

100 anos da escrita... 100 anos de leituras

JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE

(ORG)

*Caderno de Letras*

Edição especial número 1, 2015



**Obra publicada pela Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Mauro Augusto Burkert Del Pino

Vice-Reitor: Carlos Rogério Mauch

Chefe de Gabinete: Margarete Marques

Pró-Reitora da Graduação: Fabiane Tejada da Silveira

Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação: Denise Petrucci Gigante

Pró-Reitor de Extensão e Cultura: Antonio Cruz

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz Osório Rocha dos Santos

Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos Cleff

Pró-Reitor Adjunto de Infraestrutura: Gilson Porciúncula

Pró-Reitora de Assuntos Estudantis: Rosane Brandão

Pró-Reitor de Gestão de Recursos Humanos: Sérgio Batista Christino

**CONSELHO EDITORIAL**

Presidente do Conselho Editorial: Prof. Aulus Mandagará Martins

Representante das Ciências Matemáticas e Naturais: Prof. Leonardo da Silva Oliveira

Representante das Engenharias e Computação: Prof. Darci Alberto Gatto

Representante das Ciências Biológicas: Prof.<sup>a</sup> Marines Garcia

Representante das Ciências Médicas e da Saúde: Prof. Francisco Augusto Burkert Del Pino

Representante das Ciências Agrônomicas e Veterinárias: Prof. Carlos Eduardo Wayne Nogueira

Representantes das Ciências Humanas: Prof. Jarbas Santos Vieira e Prof.<sup>a</sup> Carla Gonçalves Rodrigues (suplente)

Representantes das Ciências Sociais Aplicadas: Prof. Jovino Pizzi e Prof.<sup>a</sup> Francisca Ferreira Michelin (suplente)

Representantes das Linguagens e Artes: Prof.<sup>a</sup> Ursula Rosa da Silva e Prof.<sup>a</sup> Mirian Rose Brum de Paula (suplente)

**CONSELHO DIRETOR**

Prof. Elomar Antonio Callegaro Tambara

Prof. João Fernando Igansi Nunes

Prof. José Carlos Brod Nogueira

Prof.<sup>a</sup> Lorena Almeida Gill



Editora e Gráfica Universitária

R. Lobo da Costa, 447 - Pelotas, RS - CEP 96010-150

Fone/fax: (053) 3227 8411

E-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição especial: número 1, 2015

ISSN 0102-9576 (impressa) / 2358-1409 (online)

Capa: O Anjo da Vitória - *Júlio Bermudez* (Pelotas/RS) - carvão s/ papel | vencedor do II Prêmio Artes Visuais João Simões Lopes Neto

Logo da Revista Caderno de Letras: Livro Aberto (Paul Klee, 1930), redesign por Henrique Olson

Originais da edição **Contos Gauchescos** (1912) digitalizados através do projeto "Biblioteca Digital: digitalização do acervo documental do Instituto João Simões Lopes Neto" (2012)

Dados de Catalogação na Fonte Internacional:

CADERNO DE LETRAS / Centro de Letras e Comunicação. Universidade Federal de

Pelotas. Pelotas: Editora UFPel 2015. Edição especial n. 1 (p. 001 - 171)

Nº 01 ao nº 21 versão somente impressa; a partir do nº 23 versão impressa e online.

ISSN 0102-9576 (impressa)

ISSN 2358-1409 (online)

Disponível também:

<<http://wp.ufpel.edu.br/cadernodeletras/>>

<<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/cadernodeletras>>

Título da capa: **CONTOS GAUCHESCOS: 100 ANOS DA ESCRITA.. 100 ANOS DE LEITURAS.** Org. por João Luis Pereira Ourique

1. Letras - Periódicos. 2. Literatura. 3. Regionalismo. 4. João Simões Lopes Neto.

5. Contos Gauchescos

I. Ourique, João Luis Pereira

J. SIMÕES LOPES NETTO

Da Academia de Letras do Rio Grande do Sul.

CONTOS  
GAÚCHESCOS

1912

ECHENIQUE & C. Editores

*Pelotas*

## **Caderno de Letras**

Revista do Centro de Letras e Comunicação - Universidade Federal de Pelotas  
Rua Gomes Carneiro, número 1 • Centro • CEP 96001-970 • Pelotas/RS

### **Comissão Editorial:**

João Luis Pereira Ourique - Editor | 2012-2015 (UFPel)  
Leticia Fonseca Richthofen de Freitas (UFPel)  
Paulo Ricardo Silveira Borges (UFPel)

### **Conselho Editorial:**

Alckmar Luiz dos Santos (UFSC)  
Alfeu Sparemberger (UFPel)  
Aline Coelho da Silva (UFPel)  
Ana Maria Stahl Zilles (Unisinus)  
Ana Paula Teixeira Porto (URI/FW)  
André Luis Gomes (UNB)  
Artur Emílio Alarcon Vaz (FURG)  
Aulus Mandagará Martins (UFPel)  
Beatriz Viégas-Faria (UFPel)  
Célia Maria Magalhães (UFMG)  
Cristiane Fuzer (UFSM)  
Cleci Regina Bevilacqua (UFRGS)  
Cleide Inês Wittke (UFPel)  
Danielle Gallindo Gonçalves Silva (UFPel)  
Elena Palmero (UFRJ)  
Evelyne Dogliani (UFMG)  
Gilvan Müller de Oliveira (UFSC)  
Giovana Ferreira Gonçalves (UFPel)  
Isabella Mozzillo (UFPel)  
João Manuel dos Santos Cunha (UFPel)  
João Luis Pereira Ourique (UFPel)  
Jorge Campos (PUC-RS)  
Leticia Fonseca Richthofen de Freitas (UFPel)  
Lizandro Carlos Calegari (URI/FW)  
Luana Teixeira Porto (URI/FW)  
Luis Ernesto Behares (Universidad de la República, Montevideo / Uruguay)  
Luis Centeno do Amaral (UFPel)  
Luiz Barros Montez (UFRJ)  
Marcelo Módolo (USP)  
Marcia Ivana de Lima e Silva (UFRGS)  
Marisa Helena Degasperri (UFPel)  
Maristela Machado (UFPel)  
Paulo Coimbra Guedes (UFRGS)  
Paulo Ricardo Silveira Borges (UFPel)  
Rafael Vetromille-Castro (UFPel)  
Renata Azevedo Requião (UFPel)  
Roberta Rego Rodrigues (UFPel)  
Rita Terezinha Schmidt (UFRGS)  
Rosângela Hammes Rodrigues (UFSC)  
Rosani Úrsula Ketzer Umbach (UFSM)  
Rosely Perez Xavier (UFSC)  
Sergio Romanelli (UFSC)  
Sílvia Costa Kurtz dos Santos (UFPel)  
Terezinha Kuhn Junkes (UFSC)  
Uruguay Cortazzo (UFPel)  
Valeska Virgínia Soares Souza (UFU)  
Walter Carlos Costa (UFSC)

### **Revisão, editoração, diagramação e preparação dos originais:**

Ana Luíza Nunes Almeida  
Carlos Ossanes  
João Luis Pereira Ourique

**Impressão:** Editora e Gráfica da UFPel

A' memoria de meu Pai

Saudade

# SUMÁRIO

- 8 APRESENTAÇÃO  
ANA LUIZA NUNES ALMEIDA, CARLOS OSSANES E JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE
- 12 TEMPO E MEMÓRIA  
FAUSTO JOSÉ DOMINGUES LEITÃO
- 20 UMA HISTÓRIA, VÁRIOS FINS  
LUÍS AUGUSTO FISHER
- 30 ILUSTRAÇÕES  
NELSON BOEIRA FAEDRICH
- 46 O RINCÃO DO QUILIMBO  
LUIZ GERALDO ALVES VIEIRA
- 50 ENTREVISTA | OLÍVIO DUTRA  
ANA LUIZA NUNES ALMEIDA
- 54 O BOI VELHO, DE JOÃO SIMÕES LIOES NETO: ECOS DO UNIVERSODE MAUPASSANT  
PAULA MASCARENHAS
- 60 CIVILIZAÇÃO E BARBÁRIE: O BELO HORROR EM "CORRER EGUADA", DE JOÃO SIMÕES LOPES NETO  
CLÁUDIO CRUZ
- 66 O CHASQUE DO IMPERADOR  
SIMONE XAVIER MOREIRA
- 74 OS CABELOS DA CHINA  
CARLOS FRANCISCO SICA DINIZ
- 88 MELANCIA - COCO VERDE: REAFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE GAÚCHA E SUAS INTERTEXTUALIDADES  
JAQUELINE KOSHIER
- 100 ENTREVISTA | LUÍS ORGES  
ANA LUIZA NUNES ALMEIDA
- 108 CONTRABANDISTA  
HILMA SIMÕES LOPES
- 116 O JOGO DO OSSO  
MÁRIO MATTOS
- 122 ILUSTRAÇÕES  
MÁRIO MATTOS
- 130 ENTREVISTA | MÁRIO MATTOS  
ANA LUIZA NUNES ALMEIDA E CARLOS OSSANES
- 138 "JUCA GUERRA" OU COMO DEVE MORRER O GAÚCHO  
ANTONIO HOHFELDT
- 142 RELÍQUIAS  
JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE
- 146 SAGA E SINA  
JOÃO LUIS PEREIRA OURIQUE
- 152 O MILAGRE DE NATAL EM LYGIA FAGUNDES TELLES E JOÃO SIMÕES LOPES NETO  
LUÍS BORGES
- 160 NOTAS
- 166 APÊNDICE



## INDICE

Trezentas onças	13
O negro Bonifacio	25
No manantial	37
O mate do João Cardozo	63
Deve um queijo !	69
O boi velho	75
Correr eguada	83
Chasque do Imperador	93
Os cabelos da china	105
Melancia—Coco verde	127
O Anjo da Vitoria	145
Contrabandista	155
Jogo do osso	167
Duélo de Farrapos	177
Penar de velhos	189
Juca Guerra	199
Artigos de fé	205
Batendo orelha	209

## 100 anos da escrita...

No ano de 1912 João Simões Lopes Neto publicava aquela que seria uma das suas principais obras: os **Contos Gauchescos**. Marcando um período de transição no qual o gaúcho – personificado no seu narrador-personagem Blau Nunes – olhava para o seu passado e via um futuro diferente com uma singela esperança, quase um apelo, de que as novas gerações não pisassem no rastro dessa história, essas narrativas criaram a própria noção de gaúcho, um gentílico que acabou por fundir o caráter verossímil da ficção com a própria identidade histórica.

“PATRICIO, apresento-te Blau, o vaqueano.” São com estas palavras que esse contador de histórias, das suas histórias e de todo um mundo que é tão distante e ao mesmo tempo tão próximo, nos é apresentado. Percebemos nessa introdução a mescla entre um ouvinte (aquele que nos apresenta Blau Nunes – talvez a tentativa do próprio Simões Lopes em dialogar com esse *homem-tempo*) e um sábio telúrico ansiosos para transmitir a terceiros essa visão de um mundo maior do que ambos.

Somente podemos dizer, junto com a voz que apresenta esse “perene tarumã verdejante”, para os que abrirem as páginas dos contos que abram também os ouvidos em uma tentativa de recuperar a sonoridade de uma experiência renovada: “Patricio, escuta-o.”

\*\*\*

Um século após a publicação da primeira edição, foi realizado um evento comemorativo do *Centenário dos Contos Gauchescos*, em Pelotas, na Casa do Capitão (denominação dada ao espaço que sedia o Instituto João Simões Lopes Neto). As atividades foram promovidas pelo IJSLN e pelo Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas, contando com o apoio da Universidade Católica de Pelotas e do Instituto Federal Sulrio-grandense. O evento transcorreu ao longo do ano de 2012 – de março a dezembro – com encontros quinzenais que compreenderam 19 palestras (uma para cada conto publicado em 1912, mais o conto *Menininho do Presépio* que seria publicado em 1913 e viria a integrar as futuras edições dos **Contos Gauchescos**), conforme a programação ao lado:

- Boi Velho | 15.03.2012  
Paula Schild Mascarenhas
- Os Cabelos da China | 29.03.2012  
Carlos Francisco Sica Diniz
- Anjo da Vitória | 12.04.2012  
Flávio Loureiro Chaves
- O Jogo do Osso | 26.04.2012  
Mário Mattos
- Chasque do Imperador | 17.05.2012  
Mário Osório Magalhães
- Duelo dos Farrapos | 31.05.2012  
Eduardo Arriada
- Melancia Coco Verde | 14.06.2012  
Jaqueline Koschier
- No Manantial | 28.06.2012  
Gilnei Oleiro Corrêa
- Deve Um Queijo | 26.07.2012  
Cláudia Lorena da Fonseca
- O Negro Bonifácio | 16.08.2012  
Luís Augusto Fischer
- Batendo Orelha | 30.08.2012  
João Luis Pereira Ourique
- Penar de Velhos | 13.09.2012  
Pablo Rodrigues
- Artigos de Fé do Gaúcho | 27.09.2012  
Márcia Ivana Lima e Silva
- Contrabandista | 11.10.2012  
Hilda Simões Lopes Costa
- Trezentas Onças | 25.10.2012  
Fausto José Leitão Domingues
- O Menininho do Presépio | 08.11.2012  
Luís Borges
- Correr Eguada | 29.11.2012  
Cláudio Cruz
- Juca Guerra | 30.11.2012  
Antônio Hohlfeldt
- O Mate do João Cardoso | 13.12.2012  
Donaldo Schüller

PATRICIO, apresento-te Blau, o vaqueano.

— Eu tenho cruzado o nosso Estado em caprichozo zigue-zague. Já senti a ardentia das areias dezoladas do litoral; já me recreei nas encantadoras ilhas da lagoa Mirim; fatiguei-me na extensão da coxilha de Sant'Anna; molhei as mãos no soberbo Uruguay, tive o estremecimento do medo nas asperas penedias do Caverá; já colhi malmequeres nas planícies do Saycan, ocilei sobre as aguas grandes do Ibicuhy; palmilhei os quatro angulos da derrocada fortaleza de Santa Thecla, pouzei em S. Gabriel, a forja rebrilhante que tantas espadas valorozas temperou, e, arastado no turbilhão das maquinas possantes, corri pelas parajens magnificas de Tupaccretan, o nome doce, que no labio injenuo dos caboclos quer dizer os campos onde repouzou a mãe de Deus...

—Saudei a gracioza Sta. Maria, fagueira e tranquila na encosta da serra, emergindo do verde negro da montanha copada o cazario, branco, como um fantastico algodoad em explôzão de cazulos.

—Subi aos extremos do Passo Fundo, deambulei para os cumes da Lagoa-Vermelha, retrovim para a me-rencorea Soledade, flor do dezerto, alma rizonha no silencio dos ecos do mundo; cortei um formigueiro humano na zona colonial.

—Da digressão longa e demorada, feita em etapas de datas diferentes, estes olhos trazem ainda a impressão vivaz e maravilhoza da grandeza, da uberdade, da hospitalidade.

—Vi a cofneia e o curral; vi o pomar e o rebanho, vi a seara e as

manufaturas; vi a serra, os rios, a campina e as cidades; e dos rostos e das auras, de passaros e de crianças, dos sulcos do arado, das aguas e de tudo, estes olhos, pobres olhos condenados á morte, ao desaparecimento, guardarão na retina até o ultimo milezimo da luz, a impressão da vizão sublimada e consoladora; e o coração, quando faltar ao ritmo, arfará num ultimo esto para que a raça que se está formando, aquilate, ame e glorifique os lugares e os homens dos nossos tempos heróicos, pela integração da Patria comum, agora abençoada na paz.—

E, por circunstancias de caracter pessoal, decorrentes da amizade e da confiança, succedeu que foi meu constante guia e segundo o bemquisto tapejara Blau Nunes, dezempenado arcabouço de oitenta e oito aros, todos os dentes, vista aguda e ouvido fino, mantendo o seu aprumo de forriel farrroupilha, que foi, de Bento Gonçalves, e de marinheiro improvisado, em que deu baixa, ferido, de Tamarandé.

Fazia-me elle a impressão de um perene tarumã verdejante, rijo para o machado e para o raio, e abrigando dentro do tronco cernozo enxames de abelhas, nos galhos ninhos de pombas...

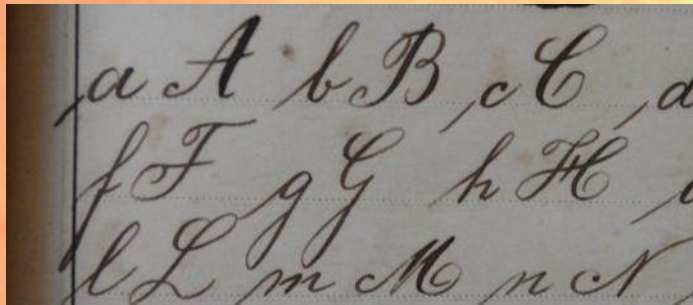
Genuino tipo — crioulo — rio-grandense (hoje tão modificado), era Blau o guasca sadio, a um tempo leal e injenuo, impulsivo na alegria e na temeridade, precavido, perspicaz, sobrio e infatigavel; e dotado de uma memoria de rara nitidez brilhando através de imajinoza e encantadora loquacidade servida e florecada pelo vivo e pitoresco dialeto gaúchesco.

E, do trotar sobre tantissimos rumos: das pouzadas pelas estancias; dos fogões a que se aqueceu; dos ranchos em que cantou, dos povoados

# 100 anos de leituras

Com o intuito de oportunizar aos pesquisadores da obra de João Simões Lopes Neto e também para os novos leitores o acesso a primeira edição dos Contos Gauchescos é que a Caderno de Letras - revista do Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas - reedita o livro publicado em 1912 e também o conto de 1913 acompanhado de material recente produzido a partir desse século de leituras sobre a obra simoneana.

No ano em que comemoramos o sesquicentário do nascimento do escritor pelotense, acreditamos que a sua literatura continua nos revelando possibilidades de compreensão e reflexão de uma realidade cultural para além de suas contradições – talvez por estas estarem presentes de forma autêntica, inseridas como parte do humano e da história.



A diagramação da reedição dos Contos Gauchescos apresenta vários elementos que merecem destaque. A fonte cursiva utilizada foi criada a partir dos moldes encontrados no manuscrito original da **Artinha de Leitura**. Foi elaborado um trabalho de vetorização das letras e símbolos que compuseram uma fonte completa.

A organização da escrita original se dá de maneira a dialogar as leituras desse século, sempre apresentadas às páginas pares, com o original da edição, sempre às ímpares. As folhas originais receberam tratamento digital para que ficassem harmonicamente posicionadas, de maneira a todo o livro (exceto em O Menininho do Presépio) ter o mesmo plano de fundo. Cada lado ímpar contém uma média de 3 páginas originais, todas elas devidamente enumeradas de acordo com sua primeira publicação. O último capítulo do livro traz uma diagramação diferente, para destacar o aspecto do jornal, justamente pelo 19º conto não fazer parte da edição original da obra, tendo sido veiculado no **A Opinião Pública** em 25 de dezembro de 2013.

Ilustração de Nelson Boeira Faedrich



Essas novas leituras se apresentam sob vários formatos, incluindo textos críticos dentro dos padrões acadêmicos, ensaios elaborados por historiadores, biógrafos e bibliófilos, entrevistas com pessoas interessadas e reconhecidas por sua relação com a obra e ilustrações e imagens que se somam à narrativa para compor um cenário mais amplo da produção de João Simões Lopes Neto e sua recepção. Ao final da edição encontram-se, em seção própria, as notas demarcadas nos textos críticos.

Agradecemos a todas as pessoas que colaboraram para que essa edição fosse disponibilizada. A parceria entre o Instituto João Simões Lopes Neto e a Universidade Federal de Pelotas é que possibilitou essa publicação que, mesmo podendo causar um estranhamento para alguns leitores em razão da diversidade do material que a compõe, enfatiza o caráter plural dessas leituras como uma homenagem ao autor e às personagens que construiu e que continuam presentes no nosso tempo.

Ana Luiza Nunes Almeida  
Carlos Ossanes  
João Luis Pereira Ourique

— 118 —  
Nos atoleiros, secos, nem um que-  
roquero : uma que outra perdez, sor-  
ruteira, piava de manso por entro os  
pastos maduros; e lonje, entre o res-  
to da luz que fugia de um lado e a  
noite que vinha, peneirada, do outro,  
alvejava a brancura de um João-gran-  
de, voando, sereno, quasi sem mover  
as azas, como num despedida triste,  
em que a gente também não sacode  
os braços...

Foi caindo uma arajem fresca; e  
um silencio grande, em tudo.

O zaino era um pingaço de lei ;  
e o cachorrinho, agora socegado, meio  
de banda, de lingua de fora e de  
rabo em pé, trotava mudo e ligeiro  
dentro da polvadeira rasteira que as  
patas do fleite levantavam.

E entrou o sol; ficou nas alturas  
um clarão afoguesado, como de incen-  
dio num pajonal; e depois o lusco-fus-  
co; depois, cerrou a noite escura; de-  
pois, no céu, só estrelas... só estre-  
las...

O zaino atravava o freio e gemia  
no compasso do galope, comendo ca-  
minho. Bem por cima da minha ca-  
beça as Três-Marias tão bonitas, tão  
vivas, tão alinhadas, pareciam me

Leia o QRCode ou entre em  
[icaro.ufpel.edu.br](http://icaro.ufpel.edu.br) para acessar a

edição completa do original em  
PDF, fazer download das imagens  
desta edição e também da fonte  
Artinha de Leitura.



que atravessou; das couzas que elle comprehendia e das que eram-lhe vedadas ao sirjelo entendimento; do *pêlo a pêlo* com os homens, das erozões da morte e das eclozões da vida, entre o Blau—moço, militar— e o Blau —velho, paizano—, ficou estendida uma longa estrada semeada de recordações —cazos, dizia—, que de vez em quando o vaqueano recontava, como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.

Querido digno velho !  
Saudozo Blau !

Patricio, escuta-o.

## I – TEMPO E MEMÓRIA

*Eu tropeava, nesse tempo.*

A primeira frase do conto TREZENTAS ONÇAS, na sua singeleza, é rica em sugestões.

### Quem narra?

Sabemos que o narrador, aqui, é Blau Nunes, que, conforme consta na apresentação feita por JOÃO SIMÕES LOPES NETO, é o vaqueano, "o benquisto tapejara" que lhe serviu de "constante guia" para indicar-lhe o rumo numa larga jornada pelos caminhos do pago. E, portanto, no momento em que narra, em que conta as histórias, deixara de ser tropeiro e já era o vaqueano, o guia, o tapejara (senhor dos caminhos). Neste conto, Blau apresenta-se como narrador e protagonista.

### O que significa "tropear"?

Tropear, em seu sentido mais simples, significa conduzir o gado de um ponto para outro. Aqui, na região de Pelotas, eram comuns as grandes tropas de gado vacum trazidas diretamente para as charqueadas ou conduzidas para a tablada, espécie de feira em que se reuniam os interessados em negociar o gado. Numa tropeada grande, além do capataz ou chefe de tropa, havia os "culatreiros" (os campeiros que ficavam na retaguarda da tropa, conduzindo-a), os "flanqueadores" (que, cuidando dos flancos, impediam o disparo de alguma rês campo a fora) e o "ponteiro" ou ponteiros (o peão ou campeiro que vai à frente da tropa para regular-lhe a marcha e guiá-la no caminho a seguir). Muitas vezes, tratando-se de gado xucro, não era tarefa fácil retirá-lo da querência, exigindo muitos e bons campeiros, montados em bons cavalos, para circundar o gado até distanciá-lo dos campos em que pastavam. De acordo com o destino a ser determinado aos animais, dizia-se que a tropa era de *corte*, de *cria* ou de *invernar*. Algumas tropeadas levavam muitos dias com chuvas, com muito calor ou muito frio, vadeando rios e enfrentando cheias e animais selvagens, com os tropeiros dormindo pouco e espichando os dias. Aqui, nesta região, havia o período das tropeadas que, geralmente, estendia-se de outubro a abril, evitando os fortes frios do inverno, as chuvas e o barro. Nos pousos ou durante as refeições dos tropeiros e alguma sesteada, a tropa ficava ou sob *ronda*, isto é sob a vigilância de tropeiros que se revezavam, ou na *encerra*, dentro de poteiros, currais ou mangueiras. Ficou célebre uma tropeada que veio de São Gabriel para Pelotas, lá por 1870, trazendo, na comitiva, o menino Joaquim Francisco de Assis Brasil para estudar nas aulas do renomado professor Bernardo Taveira Jr.. "A vida de tropeiro – registra Abreu de Medeiros –, em um livro sobre Vacaria, é, sem dúvida, a mais cheia de sobressaltos, de inquietações e sofrimento". Pois nosso Blau Nunes, que, quando jovem, fora soldado, cabo, furriel, marinheiro improvisado, ordenança, peleando na Guerra dos Farrapos e em outras que nestas plagas aconteciam comumente, neste conto, apresenta-se como tropeiro, viajando sozinho e com a guaiaca abarrotada de onças de ouro.

### Que tempo seria esse de que Blau nos fala?

Segundo os autores que examinam os textos literários, o tempo caracteriza um dos aspectos mais importantes, senão o mais importante da prosa de ficção. A localização do período tempo-

ral em que determinado evento ocorreu determinará a própria fixação dos tipos sociais, dos costumes, do enredo, da linguagem, etc. O objetivo primordial de qualquer narrador consiste, portanto, em criar o tempo da sua narrativa. Assevera Massaua Moisés que existe um tempo cronológico ou histórico e um tempo psicológico ou metafísico. Aquele corresponde à marcação das horas, minutos, segundos, dias, semanas, meses, anos, estações, ciclos lunares e assim por diante. O outro, o psicológico, distingue-se por desobedecer ao relógio e fluir dentro dos personagens, sem

começo, nem meio, nem fim, como um eterno presente. Na expressão eu tropeava nesse tempo, o tempo a que se refere o narrador é o do momento ou época em que transcorreu, em que se passou, em que se desenrolou a narrativa. Os *Contos Gauchescos* constituem o resgate de um tempo passado e determinado pela vida de Blau Nunes: *entre o Blau – moço, militar – e o Blau – velho, paisano*. É um livro de memórias reveladas ou *uma longa estrada semeada de recordações*. Aqui a expressão eu tropeava nesse tempo nada mais é do que um exercício de memória, o mesmo que dizer "eu tropeava nessa época". Que época era essa? Tentarei, viajando através das recordações do velho vaqueano, estabelecer a época em que ocorreu o episódio narrado. Sabemos, porque registrado por ele mesmo, que Blau, em 1827, na Batalha do Passo do Rosário, ou de Ituzaingó, como preferem dizer os castelhanos, tinha uns 10 anos (ver o conto *O anjo da vitória*, p. 199). Oito anos depois, iniciava a Revolução Farroupilha, onde ele, já tendo um "bigodinho", se apresenta como voluntário (ver o conto *Os cabelos da china*, p. 176) e serve até o seu final, pois, em 1844, como ordenança de Bento Gonçalves, assiste ao duelo de Bento e Onofre (ver o conto *Duelo de farrapos*, p. 222) e, em 1845, ano do final da guerra, leva um ofício até o Ponche Verde (ver o conto *Chasque do Imperador*, p. 170). Se nasceu em 1817, no final da Guerra dos Farrapos, teria uns 28 anos de idade e, sempre envolvido nas refregas ocorridas no Rio Grande, certamente não tivera tempo para outras atividades nem mesmo para casar. Voltando ao conto *Trezentas Onças*, diz Blau que o cachorrinho brasino, que andava com ele, era das crianças. Logo adiante, revela: lembrei-me dos meus filhinhos. Já buscando solução para a perda do dinheiro e o reembolso ao seu patrão, pensa em vender tudo que possuía, tirando umas leiteiras para as crianças. E reconhece não poder matar-se um homem, assim no mais... e chefe de família. O raciocínio não é novo mas parece conclusivo: diante das suas próprias assertivas, é certo que Blau Nunes, quando tropeava, já constituía família e tinha posses. E, pelas circunstâncias apontadas, estou autorizado a supor que só poderia ter casado após a luta dos Farrapos, tendo tempo de ter um campito, uma ponta de gado manso, uma junta de jaguanés lavradores e uma tropilha de colorados. Que ele lavrava e plantava nós ficamos sabendo pela lenda da Salamanca do Jarau (lembraam: *de mão feliz para plantar, que lhe não chochava semente* – p. 291). Ora, isso tudo, para um homem pobre, no meio rural, onde não passou de peão, domador e posteiro, não se conseguiria de um dia para o outro. Ligia Chiappini, que instrui seu raciocínio mais ou menos no mesmo sentido, lembra, servindo-se de informação contida na mesma lenda que, por volta de 1850, Blau "só tinha de seu um cavalo gordo, o facão afiado e as estradas reais.". Não cometo, assim, qualquer heresia ou absurdo, socorrendo-me dos elementos contidos no âmbito do conto, em presumir que a época aproximada da narrativa é, no mínimo, de uns dez anos depois do episódio farroupilha, quando o nosso contador de causos já andava pelos seus quarenta anos de idade. E é justamente o período em que se inicia o apogeu das charqueadas e em que as tropeadas eram mais habituais e frequentes. É importante notar que, em 1865, quando da visita do imperador Pedro II, Blau já não era tropeiro e sim vaqueano, chasque e confiança de sua majestade. Trata-se, repito, de um raciocínio conjectural, valendo-me dos relatos do próprio narrador, num exercício daquilo que Flávio Loureiro Chaves, este sim, como tantos outros que por aqui passaram e passarão, um autêntico analista de textos literários, classifica como a valorização da memória enquanto função da narrativa. E, sem dúvida, como poucos, Blau Nunes detinha a

## Trezentas onças

— Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empanzinada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estancia da Coronilha, onde devia pouzar.

Parece que foi hontem !... Era por fevereiro; eu vinha abombado da troteada.

— Olhe, alí, na restinga, á sombra daquella mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, dezensilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.

Despertando, ouvindo o ruído manso da agua tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho, tive ganas de me banhar; até para quebrar a lombeira... e fui me á agua que nem capincho !

Debaixo da barranca havia um fundão onde mergulhei umas quantas vezes; e sempre pucheí umas braçadas, poucas, porque não tinha cancha para um bom nado.

E solto e no silencio, tornei a vestir-me, ensilhei o zaino e montei.

Daquella vereda andei como tres legoas, chegando á estancia cedo ainda, obra assim de braça e meia de sol.

— Ah !... esqueci de dizer-lhe que andava comigo um cachorrinho brazino, um cusco mui esperto e boa vijia. Era das crianças, mas as vezes dava-lhe para acompanhar-me, e depois de sair a porteira, nem por nada fazia cara-volta, a não ser comigo. E nas viagens dormia sempre ao meu lado, sobre a ponta da carona, na cabeceira dos arreios.

Por sinal que uma noite...

Mas isso é outra couza; vamos ao caso.

Durante a troteada bem reparei que volta e meia o cusco parava-se na estrada e latia e corria p'ra traz, e olhava-me, olhava-me, e latia de novo e troteava um pouco sobre o rastro;—parecia que o bichinho estava me chamando !... Mas como eu já, elle tornava a alcançar-me, para daí a pouco recommear.

— Pois, amigo ! Não lhe conto nada ! Quando botei o pé em terra na ramada da estancia, ao tempo que dava as —boas tardes !— ao dono da caza, aguentei um tirão seco no coração... não senti na cintura o pezo da guaiaca!

Tinha perdido trezentas onças de ouro que levava, para pagamento de gados que ia levantar.

E logo passou-me pelos olhos um clarão de cegar, depois uns coriscos tirante a roxo... depois tudo me ficou cinzento, para escuro...

Eu era mui pobre—e ainda hoje, é como vancê sabe...—; estava começando a vida, e o dinheiro era do meu patrão, um xarqueador, sujeito de contas mui limpas e brabo como uma manga de pedras...

Assim, de meio assombrado me fui repondo quando ouvi que indagavam :

— Então patricio ? está doente ?

— Obrigado ! Não senhor, respondi, não é doença ; é que succedeu-me uma desgraça: perdi uma dinheirama do meu patrão...

— A la fresca !...

— E' verdade... antes morresse, que isto ! Que vae elle pensar agora de mim !...

— E' uma dos diabos, é...; mas não se acoquine, homem !

Nisto o cusco brazino deu uns pulos ao focinho do cavallo, como querendo lambel-o, e logo correu para a estrada, aos latidos. E olhava-me, e vinha e ia, e tornava a latir...

atilada faculdade de fixar e evocar lembranças, era dotado de boa memória e recontava os fatos passados "**como quem estende ao sol, para arejar, roupas guardadas ao fundo de uma arca.**".

## II – ESPAÇO E LUGAR

Nesta frase, estão contidos os dois pontos geográficos entre os quais se desenvolve todo o trecho do conto. Se a fixação do tempo ou da época da narrativa adquire real importância para a análise do texto ficcional, não se pode, embora contrariando alguns críticos, atribuir menor interesse à determinação do espaço geográfico onde tudo acontece. Sirvo-me, por serem práticas, oportunas e mais didáticas, de algumas lições do mesmo Massaud Moisés, que, entre outras virtudes, tem a de ser grande intérprete da prosa machadiana. Ele também concorda que, "no conto, a circunstância conta pouco... pelo fato de a tônica recair sobre o sujeito da ação, não sobre a paisagem.". Porém oferece uma ressalva: "... haveria que sondar o como aparece o cenário e que funções desempenha no evolver da ação..." ou então "... a geografia do conto deve estar diretamente relacionada com o drama que lhe serve de motivo...". Mais do que em qualquer outro, neste conto, a história integra a paisagem e esta, a natureza, é parte integrante do trecho. A circunstância de perder o objeto entregue em confiança é corriqueira e poderia ter ocorrido em qualquer lugar, mas, na prosa regionalista de Simões, não alcançaria, no âmbito urbano, os mesmos efeitos. Faz-se necessário aqui uma pequena amostragem de como tudo aconteceu. Blau Nunes, cansado de uma longa troteada, chegou à beira do passo, em uma restinga com uma reboleira de mato (restinga é exatamente um mato com árvores de pequeno porte, nas baixadas, à margem de rios, arroios ou sangas) e resolveu tirar uma sesteada. Ao acordar, vendo a água fresca rolando sobre o pedregulho, decidiu banhar-se. Deu uns mergulhos, vestiu-se, encilhou e seguiu em direção à estância, distante umas três léguas dali, onde deveria pousar. Notou que o cachorrinho, aquele das crianças, volta e meia latia e corria para trás, parecendo que lhe chamava. Quando chegou à estância, ao apeiar do cavalo e cumprimentar o proprietário, não sentiu, na cintura, o peso da guaiaca que estava cheia (empanzinada) com trezentas onças de ouro que levava com o propósito de levantar uma tropa de gado para seu patrão. Sem penetrarmos no âmbito do dilema, podemos repetir que todo o drama emocional desenha-se entre estes dois locais: a estância e o passo. Parece-me que ninguém, até o presente momento, tentou identificar os lugares da ocorrência e nossa pesquisa foi realizada com o propósito de trazer-lhes uma despreziosa proposição baseada em dados históricos e geográficos concretos e fidedignos.

### Existiu a Estância da Coronilha?

Foi imprescindível encetar uma busca minuciosa pela região sul, retornando à época em que se desenvolveu a narrativa e contar com algum acaso favorável. Precisava demonstrar não apenas que existiu a estância mas que era existente na época da narrativa de Blau Nunes. O tempo era escasso e comecei pelas antigas revistas do Arquivo Público do Estado em que constam divisões e concessões de terras. Andava assim, lidando com datas, sesmeiros e sesmarias, esperançoso e com algum sentimento oculto me levando a crer que a tal estância tinha realmente existido, quando, socorrido por alguma força superior e benfazeja, tive a sorte de encontrar dois vaqueanos, destes que conhecem palmo a palmo cada rincão destas redondezas. Um, embo-

ra cria de Pelotas, andou, por muito tempo, *campereando* por Erval e adjacências, descobrindo-lhe rumos e mistérios. O outro, também pelotense, mas criado no interior do município de Piratini, cedo descortinou todos os meandros e desvios das Serras dos Tapes e das Asperezas até as planuras que margeiam a Lagoa dos Patos. Confiáveis, bem montados e ao tranco de fletas de lei, foram chasques prestativos e informantes dignos de crédito. Ao primeiro, Mogar Pagana Xavier, conhecido de todos nós, com relevante participação nos anos iniciais desta casa e que

sempre está a prestigiar as iniciativas deste instituto, meu amigo, indaguei se conhecia alguma estância com o nome de "Coronilha". Pensativo, ficou a cogitar, deu uma balançada na cabeça e não respondeu logo. Afinal,

foram tantas as propriedades rurais onde passou, em que pousou ou em que chegou para uns mates ou para uma prosa, que ficou meio em dúvida. Alguns dias depois, ainda matutando sobre a minha pergunta, encontrou o segundo que outro não é que o igualmente nosso amigo, o engenheiro Manoel Luiz Vieira de Souza Coelho que também tanto tem honrado esta casa com a sua constante presença. O Mogar e o Maneca, porque são interessados e estudiosos, conhecem a história do Rio Grande do Sul e, em especial, a história regional e local. Trazendo o espírito vincado pelos sóis de largas troteadas, sabem que, nesta região, houve estâncias importantes e que a estância constituiu-se, no início da formação do Rio Grande, no ponto essencial da produção e do desenvolvimento econômico. Percebem que a estância primitiva, na amplidão do seu horizonte, como núcleo de criação e produção, abrigo da família e de uma comunidade de serviços, gerou hábitos e costumes que resistiram aos tempos, chegando até nós. Ali se forjaram o espírito cívico, o próprio espírito militar e o sentimento de nacionalidade. No seio destes importantes estabelecimentos pastoris, foram moldados o trabalho, a educação, a religiosidade, a personalidade e o caráter da nossa gente. Nossa civilização inicial foi acentuadamente rural. Sabem eles, porque também nutriram seus intelectos com o fluxo luminoso de muitas leituras, que, se na estância criou-se a aristocracia dos proprietários rurais, nela, da mesma forma e sob a tutela de um fogo galponeiro e de um comum e rude trabalho campeiro, nasceu, com a devida reverência, um sentimento democrático que transigiu, aproximou, e compatibilizou. Muitos estancieiros, pelo seu prestígio e predomínio, passaram a ser acatados como chefes locais, como coronéis, capazes de, em casos de necessidade, arregimentar homens, organizá-los e comandá-los. Algumas estâncias tornaram-se baluartes na defesa própria e do rincão. Em Piratini mesmo, existe, no seu 4º distrito, se não estou enganado, a conhecida Fazenda do Combate, que antes se denominava Cerro Alegre, onde ocorreu o célebre episódio do movimento Constitucionalista de 1932. Pois o Maneca, como é mais conhecido o doutor Manoel Luiz, como já mencionei, foi criado ali pelo 2º distrito de Piratini, nas proximidades dos campos dobrados e férteis da Ferraria, onde se aquerenciou e até hoje tem propriedade rural. Instado pelo Mogar, não necessitou recorrer aos escaninhos da memória, para asseverar, com convicção, que realmente existiu uma estância com este nome pertencente, no século XIX, a um ancestral seu. E assegurou mais: lá pelos meados daquela centúria, seu antepassado José Dias de Castro, também conhecido como Coronel Juca Dias, já estava estabelecido com a Estância da Coronilha. O coronel, que pertenceu à Guarda Nacional, era irmão de João Dias de Castro que, em 1871, sucedendo a João Simões Lopes, depois Visconde da Graça, foi presidente interino da Província do Rio Grande do Sul, voltando a ocupar o cargo, na mesma condição, em 1877. O dono da Coronilha nasceu em 1822, casou em 1850 com D. Francisca D'Ávila Freitas e morreu em 29 de dezembro de 1893. Com cerca de 50 quadras de campo, destinada à criação de bovinos, ovinos e eqüinos, a estância estava localizada também no 2º distrito de Piratini. A casa distava uns dois quilômetros e

*vim varar aqui neste mesmo  
passo, por me ficar mais perto da  
estância da Coronilha*



Ah!... E num repente lembrei-me bem de tudo. Parecia que estava vendo o lugar da sesteada, o banho, a arrumação das roupas nuns galhos de sarandí, e, em cima de uma pedra a guaiaca e por cima della o cinto das armas, e até uma ponta de cigarro de que tirei uma ultima tragada, antes de entrar na agua, e que deixei espetada num espinho, ainda fumegando, soltando uma fitinha de fumaça azul, que subia, fininha e direita, no ar sem vento...; tudo, vi tudo.

Estava lá, na beirada do passo, a guaiaca. E o remedio era um só: tocar á meia redea, antes que outros andantes passassem.

Num ví estava a cavallo; e mal isto, o cachorrinho pegou a retouçar, numa alegria, ganindo — Deus me perdõe! — que até parecia fala!

E dei de redea, dobrando o cotovelo do cercado.

Ali logo frenteei com uma comitiva de tropeiros, com grande cavallhada por deante, e que por certo vinha tomar pouzo na estancia. Na cruzada nos tocamos todos na abado sombreiro; uns quantos vinham de balandrau enfiado. Sempre me deu uma coraçonada para fazer umas perguntas... mas enguli a lingua.

Amaguei o corpo e penicando de esporas, toquei a galope largo.

O cachorrinho ia gançando, ao lado, na sombra do cavallo, já mui comprida.

A estrada estendia-se dezerta; á esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista, serenos, verdes, clareados pela luz macia do sol morrente, manchados de pontas de gado que iam se arrolhando nos paradouros da noite; á direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas

Nos atoleiros, secos, nem um que-ro-que-ro: uma que outra perdiz, sorrateira, piava de manso por entre os pastos maduros; e lonje, entre o resto da luz que fugia de um lado e a noite que vinha, peneirada, do outro, alvejava a brancura de um João-grande, voando, sereno, quazi sem mover as azas, como numa despedida triste, em que a gente tambem não sacode os braços...

Foi caindo uma arajem fresca; e um silencio grande, em tudo.

O zaino era um pingaço de lei: e o cachorrinho, agora socegado, meio de banda, de lingua de fora e de rabo em pé, troteava miudo e ligeiro dentro da polvadeira rasteira que as patas do flete levantavam.

E entrou o sol; ficou nas alturas um clarão afogueado, como de incendio num pajonal; depois o lusco-fusco; depois, cerrou a noite escura; depois, no ceu, só estrelas... só estrelas...

O zaino atirava o freio e gemia no compasso do galope, comendo cachorrinho. Bem por cima da minha cabeça as Tres-Marias tão bonitas, tão vivas, tão alinhadas, pareciam me acompanhar... lembrei-me dos meus filhinhos, que as estavam vendo, talvez; lembrei-me da minha mãe, de meu pai, que tambem as viram, quando eram crianças e que já as conheceram pelo seu nome de Marias, as Tres Marias. — Amigo! Vancê é moço, passa a sua vida rindo...; Deus o conserve!... sem saber nunca como é pezada a tristeza dos campos quando o coração pena!...

— Ha que tempos eu não chorava!... Pois me vieram lagrimas... devagarinho, como gateando, subiam... tremiam sobre as pestanas, luziam um tempinho... e ainda quentes, no arranco do galope lá caíam ellas na polvadeira da estrada, como um pingo d'agua perdido, que tem mosca nem formiga daria com elle!...

meio da estrada real que vai àquela cidade e uma légua e pouco da tradicional Estância da Arvorezinha. O Maneca chegou a conhecer as ruínas do velho sobrado que, devastadas e espoliadas por perseguidores de riquezas, ainda possuem pequenos vestígios, inclusive uma velha tabuleta com o nome da estância e que hoje pertence ao acervo do nosso amigo e informante. Estas terras, originariamente, estavam dentro da grande propriedade rural de João Cardoso, o mesmo do conto de João Simões Lopes Neto, e de quem o Coronel Juca Dias era sobrinho-neto. Quis a generosidade do amigo Maneca que eu recebesse a reprodução das fotografias dos donos da Estância da Coronilha e também fotos atuais dos escombros restantes que poderão ser examinadas depois pelos interessados.

### Onde ficava o "passo"?

Diante do que aí ficou exposto, até porque não se conhecem referências a outras estâncias com o mesmo nome, já dispomos de um forte indício de que possa ser esta a estância referida no conto. Como é natural que ainda subsistam algumas dúvidas, vamos agregar um subsídio valioso. Aquele passo, mencionado por Blau Nunes, onde houve a sesteada, o banho e o esquecimento da guaiaca e do cinto das armas, onde poderia ser? Para responder, tivemos que fazer algumas sondagens na geografia da região em que estava assentada a Estância da Coronilha. O 2º distrito de Piratini, quem segue hoje de Pelotas pela estrada asfaltada que vai a Bagé, para quem chega ao trevo de acesso àquela cidade, está localizado à esquerda da faixa, em direção da Ferraria que, aliás, dá o seu nome ao distrito. O rio Piratini, que nasce ao norte da cidade do mesmo nome, na Serra das Asprezas, desce em direção ao sudeste, por 132 quilômetros, faz divisa de Piratini com Cerrito (antigamente chamado de Capela de Cerrito e, depois, Estação Cerrito), desembocando no canal de São Gonçalo. Ao chegar ao Cerrito, poucos metros antes, o Piratini recebe as águas do rio Santa Maria que procede da Serra do Erval, formando ali uma espécie de forquilha, daí o nome de "Orqueta" dado ao local. O Santa Maria, antes de desaguar no Piratini faz a divisa do 2º distrito de Piratini com Pedro Osório (que foi também chamado de Maria Gomes e Estação Piratini). Passo é o ponto no curso dos rios e arroios onde há condições mais seguras de passagem, seja embarcado, a pé ou a cavalo; é o lugar onde há vau, lugar mais raso que, habitualmente, é usado para a transposição. Era frequente a existência de muitos passos no curso de um mesmo rio. Antes da chegada da construção da linha férrea (em 1884), as tropas de gado provenientes daquela região fronteiriça (Jaguarão, Arroio Grande, Erval, Bagé) transpunham o rio Piratini no chamado "Passo da Maria Gomes", onde foi construída a ponte ferroviária e bem em frente às atuais cidades de Pedro Osório (Maria Gomes) e Cerrito (Capela do Cerrito). Acima da Orqueta, uns dois quilômetros, havia o Passo Novo, por onde transitavam as tropas vindas de Piratini. É bem compreensível a existência deste passo, pois, se não houvesse, para chegar ao rio Piratini, no Passo da Maria Gomes, necessariamente ter-se-ia que transpor também o Santa Maria. Meus vaqueanos, conhecedores de cada detalhe daquelas paragens, onde ficaram muitos rastros dos seus cavalos, não titubearam ao informar-me que o Passo Novo, por ser mais prático, mais acessível e mais próximo, foi o lugar escolhido por Blau Nunes para a tal sesteada comprida e revigorante. Diz ele, textualmente, *vim varar neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha*. E, realmente, ficava mais perto. Segundo Mogar e Maneca, que, como Blau, ali também já *quebraram a lombreira*, nuns bons mergulhos, do Passo Novo até onde estava situada a *Estância da Coronilha*, a distância é de uns 18 a 20 quilômetros. Afirma Blau Nunes: *daquela vereda andei como três léguas, chegando à estância cedo ainda*. A légua tem 6.600 metros ou 6,6 quilômetros que multiplicados por três terão o exato resultado de 19.800 metros ou três léguas, coincidindo com a distância revelada por meus amigos.

### Argumentos complementares

Parecem-me suficientemente esclarecidas as identificações da estância e do passo, os dois pontos geográficos entre os quais acontece a narrativa do tropeiro Blau Nunes. Mas, ainda assim, para mais agasalhar essas ponderações, trago alguns argumentos complementares. Diz Blau que, ao despertar da sesta, ouviu *"o ruído manso da água tão limpa e tão fresca rolando sobre o pedregulho..."*. Pois a informação que trazem meus informantes é de que ali, no Passo Novo, realmente sempre existiu muito pedregulho e até pedras grandes. Mogar Xavier, com terras um pouco além, já próximo ao rio Jaguarão, perto do Passo do Centurião, informou-me que estas pedras meio arredondadas são comuns nos leitos dos rios da região e que lá, sugestivamente, são chamadas de "cantos rodados", por muito rodarem ao sabor das correntezas. Outra circunstância que serve como justificativa de procedência da hipótese aqui arguida é a ambientação de outros contos de João Simões Lopes Neto naquela zona, ou a sua simples menção, a demonstrar que a conhecia bem. Assim, em *Duelo de Farrapos*, são referidos Canguçu, Jaguarão, Arroio Grande e Piratini; em *Juca Guerra*, embora estejam situados pouco antes do rio Piratini, os campos do Pavão, onde ocorrem o rodeio e o ato de heroísmo, ficam no rumo de quem seguia para os passos Novo e o da Maria Gomes; na história do *Deve um Queijo*, onde Canguçu também é mencionado, o velho Lessa, que também "troteava de escoteiro" e que, segundo Barbosa Lessa, existiu e era seu avô, chega em uma venda junto ao Passo do Centurião, que fica no rio Jaguarão, já no município do Erval, mas não muito distante daquelas redondezas. Entretanto, no conto *O Mate do João Cardoso*, é que a área em questão mais coincide com a da nossa sustentação, pois, ficando "por aqueles meios do Passo da Maria Gomes", não dista mais do que dois quilômetros e meio do referido Passo Novo em que ocorreu a sesteada. O ranchario do João Cardoso estava localizado entre os rios Santa Maria e Piratini, bem onde, formando aquela espécie de forquilha, o primeiro desemboca neste, próximo aos dois passos. Ainda como mera argumentação de caráter secundário, apoiando-me sempre na descrição do tropeiro, poderia ser invocada a posição solar. Depois de sestar, Blau Nunes segue em direção ao norte para alcançar a estância; o sol, naquele horário, pois, estará à sua esquerda (oeste). Quando retorna da estância para o passo, em busca da guaiaca, ainda tem braça e meia de sol (mais ou menos uma hora e meia de sol) e o sol, obviamente, estará a sua direita. Vejam o que diz Blau, em pleno galope de aflição e esperança: *"a estrada estendia-se deserta; à esquerda os campos desdobravam-se a perder de vista,...; à direita, o sol, muito baixo, vermelho-dourado, entrando em massa de nuvens de beiradas luminosas*. Além disso, para comprovar que eram comuns as tropeadas por aqueles caminhos, sirvo-me de informação contida na novela *Recordações Gaúchas*, de Luiz Araujo Filho, o LAF, fonte declarada de Simões, onde, referindo-se a uma conversa entre tropeiros, afirma, textualmente: *Esta conversa tinha lugar pouco mais ou menos no princípio do verão de 1860, na estrada de Piratini: frequentíssima então por viajantes de todo o genero, mas especialmente por comitivas de tropeiros, que de todos os pontos da campanha, e mesmo do E. Oriental, por ella transitavam a negocio de gados para as xarqueadas de Pelotas*. A comitiva de tropeiros, na novela, seguia em direção de Bagé e, algumas páginas depois, o autor ainda revela que um deles, o vaqueano, tratado de cabo velho pelos demais, anunciou: *... já andemos duas leguas desde o passo da Maria Gomes*. Sem dúvida, os locais apontados eram quase os mesmos percorridos pelo nosso tropeiro Blau Nunes, bastecendo de razão e perfênica nossas desambiciosas reflexões.

### Poderia a Estância da Coronilha ter outra localização?

Antes de colocar um fecho à questão da existência e localização dos pontos entre os quais se desenvolve o relato, ainda resta fazer uma observação. Não se pode abstrair a possibilidade de existir outra estância com o mesmo nome. Mas era e é costume

Por entre as minhas lagrimas, como um sol cortando um chuvisqueiro, passou-me na lembrança a toada dum verso lá dos meus pagos:

Quem canta refresea a alma,  
Cantar adoça o sofrer;  
Quem canta zomba da morte :  
Cantar ajuda a viver !...

Mas que captar, podia eu !...

30 O zaino respirou forte e sentou, trocando a orelha, farejando no escuro : o bagual tinha reconhecido o lugar, estava no passo.

Senti o cachorrinho respirando, como assoleado. Apeei-me.

Não bulia uma folha; o silencio, nas sombras do arvoredor metia respeito... que medo, não, que não entra em peito de gaúcho.

Em baixo, o rumor da agua picopocando sobre o pedregulho; vagalumes retouçando no escuro. Decí, dei com o lugar onde havia estado; tentei os galhos do sarandí; achei a pedra onde tinha posto a guaiaca e as armas; corri as mãos por todos os lados, mais p'ra lá, mais p'ra cá...; nada ! nada !...

Então, senti frio dentro da alma... o meu patrão ia dizer que eu o havia roubado !... roubado !... Pois então eu ia lá perder as onças !... Qual ! Ladrão, ladrão, é que era !...

E logo uma tenção ruim entrou-me nos miolos : eu devia matar-me, para não sofrer a vergonha daquella suposição.

E' : era o que eu devia fazer: matar-me... e já, aqui mesmo !

11 Tirei a pistola do cinto; amartillei o gatilho... benzi-me, e encostei no ouvido o cano, grosso e frio, carregado de bala...

— Ah ! patricio ! Deus existe !...

No reflexão daquelle tormento, olhei para deante e vi... as Tres Marias luzindo na agua... o cusco encarapitado na pedra, ao meu lado, esta-

va me lambendo a mão... e logo, logo, o zaino relinchou lá em cima, na barranca do riacho, ao mesmíssimo tempo que a cantoria alegre de um grilo retinia ali perto, num ouco de pau !...—Patricio ! não me avexo duma herezia: mas era Deus que estava no luzimento daquellas estrelas, era elle que mandava aquelles bichos brutos arredarem de mim a má tenção...

O cachorrinho tão fiel lembrou-me a amizade da minha gente; o meu cavallo lembrou-me a liberdade, o trabalho, e aquelle grilo cantador trouxe a esperança...

Hepucha ! patricio, eu sou mui rude... a gente vê caras, não vê corações...; pois o meu, dentro do peito, naquella hora, estava como um espinillo ao sol, num descampado, no pino do meio-dia : era luz de Deus por todos os lados !...

32 E já todo no meu socego de homem, meti a pi-stola no cinto. Fechei um baio, bati o isqueiro e comecei a pitar.

1 E fui pensando. Tinha, por minha culpa, exclusivamente por minha culpa, tinha perdido as trezentas onças, uma fortuna, para mim. Não sabia como explicar o succedido, comigo, acostumado a bem cuidar das couzas. Agora... era vender o campito, a ponta do gado manso—tirando umas leiteiras para as crianças e a junta dos jaguanés lavradores — vender a tropilha dos colorados... e pronto ! Isso havia de chegar, folgado; e cazo mermasse a conta... enfim, havia se ver o geito a dar... Porem matar-se um homem, assim no mais... e chefe de familia... isso, não !

E d'espécito vim subindo a barranca, assim que me sentiu o zaino escarceou, mastigando o freio.

Desmancei-o, aprezilhei o cabresto; o pingo agarrou a volta e eu montei, aliviado.

O cusco escaramuçou, contente; a trote e galope voltei para a estancia.

respeitar o nome fixado com anterioridade mesmo que não exista registro oficial. Era muito comum as estâncias receberem nomes de alguma particularidade do local em que se estabeleci- am. Conheci a das Laranjeiras, a do Angico, a das Guajuviras, etc. Disseram-me os meus informantes que, na região que nos interessa, a coronilha era uma árvore muito comum, com troncos grossos, chegando a uma altura de cinco ou seis metros, com cerne muito resistente e empregada em mourões e palanques. Em sentido figurado, e SIMÕES LOPES a utiliza mais de uma vez, a palavra significa homem forte, valente, guapo, resistente. Ao examinar o glossário, elaborado por Aurelio Buarque de Hollan- da, tão preciso quanto ilustrado, constante das edições críticas da Editora Globo, a partir de 1949, verifiquei, com alguma surpresa, que ele, com toda sua autoridade, ao examinar o vocábulo *coronilha*, registra, como primeira acepção, um "lugarejo entre dois afluentes do rio Ibirapuitã-Chico, no município de Rosário". Como se trata de referência geográfica, poderia alguém entender que, em obra específica como a edição conjunta, aí estivesse consignada para indicar uma possível localização da estância do conto "Trezentas Onças". Efetuei busca nos nossos dicionários anteriores a 1949, desde Coruja a Luiz Carlos de Moraes, não encontrando aquela acepção do termo. Nasci em Rosário, andei muito pela campanha rosariense e nunca ouvi falar naquela localidade. Sabia que o Ibirapuitã-Chico é um arroio localizado mais ou menos na divisa dos municípios de Rosário e Livramento, tributário do rio Ibirapuitã, aquele que banha a cidade de Ale- grete. Nem mesmo nos dicionários geográficos de Araujo e Silva ou no de Octavio Augusto de Faria encontrei qualquer alusão àquele lugar. Também não aparece nas edições críticas posteri- ores às da Globo, como as de Chiappini, Schlee e Fischer, embo- ra já apareça, extraído de Aurelio, no grande Vocabulário Sul-Rio -Grandense da mesma editora. Mas em algum lugar Aurelio Bu- arque de Hollanda, o grande filólogo, deveria tê-lo achado. Lembrei-me do grande Dicionário Geográfico Brasileiro que, no final dos anos 30 do século passado, o Instituto Brasileiro de Geo- grafia e Estatística resolveu elaborar, inclusive tendo publicado, em 1940, na Revista do nosso Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, a parte referente ao nosso Estado. Pois ali estava aquela acepção da palavra, exatamente como foi colhi- da pelo dicionarista e crítico da obra de Simões: "lugarejo entre dois tributários do rio Ibirapuitã-Chico (M. de Rosário)". Sendo assim, não tem qualquer conotação com uma possível estância do mesmo nome e consta, no glossário citado, como mera indi- cação de ponto geográfico já anteriormente referido e definido.

### III – A CREDIBILIDADE

Em "Trezentas Onças", está bem claro que a função de tropei- ro de Blau Nunes confunde-se com a do contador da história. Aqui, portanto, o vaqueano de JOÃO SIMÕES LOPES NETO é pro- tagonista e narrador. Por que SIMÕES teria oferecido a este conto a primazia de ser colocado em primeiro lugar no livro publicado em 1912? Creio, salvo melhor entendimento, que ele pretendeu, assim fazendo, outorgar credibilidade à toda a obra. Não basta- va, como consta na apresentação do livro, a sua afirmação de que seu vaqueano-narrador era seu "amigo e de confiança", "benquisto tapejara", furriel de Bento Gonçalves e marinheiro improvisado de Tamandaré. Não bastava declarar que Blau Nu- nes "fosse o guasca sadio, a um tempo leal e ingênuo... precavi- do, perspicaz, sóbrio e infatigável". Todas estas virtudes eram verdadeiras. Realmente, Blau era tudo isso. Mas dito por um ami- go confesso e admirador extremo, o testemunho poderia soar como um exagero ou com alguma mancha de suspeição. Em direito, a amizade confessada entre as partes, traz este mesmo indicador de suspeita e é, para a testemunha, impeditivo da prestação do compromisso de dizer a verdade. O excessivo sen- timento de admiração, ou de quase veneração, irá, psiquica- mente, afetar o julgamento. Então, para outorgar credibilidade

ao testemunho, faz-se imprescindível que outras circunstâncias ou elementos probatórios, orientados no mesmo sentido, venham apoiar as afirmativas. No mundo real, o elogio ao grande amigo, embora nada lhe impeça a confissão, também faz transparecer alguma desconfiança, cria uma certa inclinação do espírito para não fiar plenamente. Na relação entre SIMÕES LOPES NETO e Blau Nunes, estando consciente da precariedade do testemu- nho e dos riscos que poderia correr, o escritor pressentiu a inarred- dável necessidade de comprovar aquilo que asseverara na apresentação. E não encontrou, para sustentar suas afirmações sobre a índole e o caráter do narrador, melhor exemplo ou mo- delo do que a criação, para Blau Nunes, do ofício de tropeiro. Por que um tropeiro? Recorro, mais uma vez, a Luiz Araujo Filho e à sua inspiradora e sugestiva novela. Naquela mesma conversa de tropeiros que seguiam a trote curto, ali pelas bandas do Passo da Maria Gomes, lá por 1860, mais ou menos na mesma época em que por ali andou Blau Nunes, certifica LAF: *Naquele tempo o tropeiro cercava-se de uma certa aura de probidade illibada e confiança quase sem limites. Quantias, não em papel como ho- je, mas em bom ouro, capazes de proporcionar uma regular fortuna, eram facilitadas a homens que outra coisa não tinham para dar em garantia, senão a sua palavra, e esta era aceita e desempenhada. Até então raríssimos, senão quase desconheci- dos, eram os casos de estellionato ou de abusos de confiança, e se algum se dava era logo falado e comentado por toda par- te, até nas estradas, pelos andantes... .".* E aí exsurge, como pri- meira pérola daquele colar de contos, a comprovação da confi- bilidade e da honorabilidade do narrador, através da história do tropeiro que sofre verdadeiro ciclone moral, capaz de devas- tar-lhe a própria alma, quando extravia a alta soma que lhe fora confiada para levantar uma tropa. Não ficaria mal, pelos moti- vos aqui alegados, e porque comprovadamente Blau era digno, se só após o conto *Trezentas Onças*, aparecesse a conclama- ção: **Patrício, escuta-o.**

Fausto José Leitão Domingues

Aô dobrar a esquina do cercado encherguei luz na caza; a cachorrada saiu logo, acuando. O zaino relinchou alegremente, sentindo os companheiros; do potreiro outros relinchos vieram.

33

Apeei-me no galpão, arrumei as garras e soltei o pingo, que se rebolcou, com ganas.

Então fui para dentro: na porta dei o—Louvado seja Jezu-Cristo; boa noite!—e entrei, e comigo, rente, o cusco. Na sala do estancieiro havia uns quantos paizanos; era a comitiva que chegava quando eu saia; corria o amargo.

Em cima da meza a chaleira, e ao lado della, enroscada, como uma jararaca na resolana, estava a minha guaiaca, barriguda, por certo com as trezentas onças, dentro.

—Louvado seja Jezu-Cristo, patriocio! Boa noite! *Entonces*, que tal le foi de susto?...

E houve uma rizada grande, de gente boa.

Eu tambem fiquei-me rindo, olhando para a guaiaca e para o guaipéva, arrolladito aos meus pés...

## UMA HISTÓRIA, VÁRIOS FINS

Sem pretender muita originalidade nesta abordagem ao magnífico conto de Simões Lopes Neto que é o objeto do estudo, proponho aqui um comentário em três partes. Na primeira, vou acompanhar algumas marcas da linguagem empregada no conto, as quais se deixam ler em alguns termos particulares usados para designar e qualificar personagens e cenas, termos que servem para abrir toda uma dimensão social que Simões Lopes Neto, como todo grande escritor, sabe implicar em sua obra, de forma a permitir ampla recepção; o leitor apressado tem a compreensão daquilo que importa para a inteligência do relato, de um lado, mas o leitor mais exigente, de outro, tem o ensejo de perceber laços muito profundos entre o que vai contado na superfície do texto e o que vai sugerido nas entrelinhas e alusões. Na segunda parte do comentário, tento diagnosticar certos aspectos da estrutura narrativa, que carregam grande valor estético para o conjunto narrado, todos de algum modo convergentes com o modo particular de encerrar o conto, em cinco finais sucessivos, os quais serão analisados na parte terceira. Depois de tudo, tentarei esboçar algum comentário geral de teor interpretativo, com base na análise.

### I – Questões de linguagem

Lecciono literatura há mais de trinta anos; em todos e em cada um desses anos, ao menos uma vez li “Negro Bonifácio” em aula, diretamente, para alunos adolescentes, jovens ou adultos; e sempre, invariavelmente, constatei que há uma questão central de linguagem, já nas primeiras frases do texto — é raro que alguém entenda, sem dificuldade, o que significam palavras como “maleva”, “taura” e “caipora”, três termos essenciais na caracterização do personagem-título, um dos dois protagonistas do conto.

Lembremos da abertura do conto:

—... Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!

Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora!.

Sem decifrar “maleva” como malvado, “taura” como valente e “caipora” como azarado, impossível compreender essa abertura. Vale sublinhar que os três termos desconhecidos não permitem nem mesmo aquela compreensão aproximativa, proporcionada por alguma familiaridade morfológica (a mais próxima é “maleva”, aparentado nítido de “malevaje”, espanhol) ou por contexto. Isso para nem falar das especificações dos cavalos (picaço, tordilho), nem avançar ainda em outras duas dificuldades potenciais, uma saber o que é “rengo”, e outra, mais grave, reelizar mentalmente o que significa, no contexto sulino, o que era uma “carreira”, que bem mais que corridas entre cavalos implica um raro encontro social, evento marcante que se contrasta contra o fundo de um cotidiano de raras oportunidades de socialização, no universo das estâncias. Aqui, portanto, temos já um significativo repertório para mostrar as dificuldades que a linguagem do conto impõe.

Tais obstáculos não são intransponíveis, é claro. Se o leitor fizer algum esforço de decifração, encontrará significações suficientes para avançar entendendo de que se trata. Podemos comparar este caso, ainda que de modo rápido e impreciso, com a abertura de obra bem mais famosa, e não menos especial, o *Grande sertão: veredas*: de Guimarães Rosa, outro João inventivo no uso da linguagem inferiorana, igualmente interessado em passar a palavra a um sujeito daquele mundo que retrata, sem e mediação atenuadora (mas também empobrecedora) de um narrador culto externo.

A abertura do romance (publicado em 1956) assim diz:

— Nonada. Tiros que o senhor ouviu foram de briga de homem não, Deus esteja. Alvejei mira em árvore, no quintal, no baixo do córrego. Por meu acerto. Todo dia isso faço, gosto; desde mal em minha mocidade. Daí, vieram me chamar. Causa dum bezerro: um bezerro branco, eroso, os olhos de nem ser — se viu —; e com máscara de cachorro.

Parecido com o caso do João gaúcho? Sim e não; mais não que

sim. Se atentarmos bem, neste trecho inicial, como em quase todo o longo texto rosiano, o problema que se apresenta ao leitor é muito menos de vocabulário, e muito mais de sintaxe. Numa conta rápida, pode-se afirmar que na abertura do *Grande sertão: veredas* há uma palavra desconhecida (nonada), no máximo duas (erroso), sendo esta segunda bem fácil de decifrar, muito mais que a primeira, que por sua vez também não implica dificuldade terminal como, digamos, “taura”, considerando leitor não familiarizado com os dois ambientes culturais implicados, um em cada caso.

Sem querer esgotar o tema dessa comparação, que mal agora começamos a fazer, aqui e noutras partes do país, veja-se que Guimarães Rosa levou a limites radicais a estrutura narrativa que Simões Lopes Neto mal desenhou em esquema — um narrador-testemunho, aparelhado de algumas letras mas com inserção social marcada pelo trabalho braçal, proveniente de mundo rural relativamente remoto para a cidade grande, que conta histórias a um ouvinte letrado, que não é dali. O gaúcho intuiu a beleza e a potencialidade dessa armação, mantendo sua obra, porém, numa simples sequência de episódios, sem trama mais firme entre si, num relato de casos quase sempre externos à psicologia do narrador; o mineiro, por sua vez, levou ao extremo a estrutura, avançando no escuro ao compor em teia profunda, de vários níveis de complexidade, uma série de relatos de episódios tópicos com uma inesperada indagação metafísica do narrador. Essa diferença vem combinada com a outra, que vimos acima, relativa à linguagem, e os dois traços se acrescentam de outro: o mundo de Riobaldo é talvez mais distante do leitor médio do que o mundo de Blau (no sentido de o sertão dos Gerais ter sido incorporado mais tardiamente ao mercado do litoral, em relação ao pampa gaúcho), mas dele não nos separa a especificidade do vocabulário do mesmo modo como nos separa do de Blau.

Simões Lopes Neto também intervém na forma ortográfica de certas palavras, como Guimarães Rosa, os dois operando, nisso, em favor de conferir maior verossimilhança à fala de seus narradores. Riobaldo diz “ásp'ro” em lugar de “áspero”, por exemplo; Blau diz “escuite” em lugar de “escute”, ou “Virge” Nossa Senhora”, e não “Virgem”. Mas é preciso notar que os dois são muito, muitíssimo parcimoniosos; como dissemos antes, também aqui há um equívoco bastante generalizado nos comentários que sugerem que esses escritores alteraram muito a forma escrita, para representar a fala de gente simples: pelo contrário, eles quase nada mexem na forma, e muito investem em alterações de sintaxe (Riobaldo: “O senhor mire veja”, a justaposição dos verbos; Blau: “Pois para a carreira essa”, a posposição do pronome demonstrativo), em giros semânticos, etc.

Os dois escritores podem ser aproximados por outro viés de linguagem: os nomes dos personagens. De Guimarães Rosa até uma famosa tese se ocupou: *Recado do nome — Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*, de Ana Maria Machado, uma criativa abordagem ao universo rosiano, em que nomes como Riobaldo, Diadorim, Hermógenes, Zé Bebelo e muitos outros ganham interpretação sutil e convincente. E quanto a Simões Lopes Neto?

Que eu saiba, ainda está por aparecer essa exegese, que pode render bem. Para ficar no conto em exame, tomemos os casos mais notórios de personagens, para averiguar se há alguma inscrição críptica. O Negro Bonifácio: chamá-lo de “negro”, como prenome, ou como qualificativo incorporado ao nome (seria análogo a qual caso conhecido? O Índio Tibiriçá do século 16?), tem peso específico em se tratando de um negro, um afrobrasileiro, como se indica explicitamente no texto (“se o negro era maleva?”, “aquele tição atrevido”, “negro tão feio”), e não um moreno genérico, como ocorre no Rio Grande do Sul e nos países platinos, em que por exemplo Mercedes Sosa era cognominada “La Negra”, sendo uma índia. E um negro protagonista das ações, sendo ele um conquistador de mulheres, em contexto escravista, no máximo pós-escravista?

Não é pouco. Também não é pouco o fato de se chamar, especificamente, Bonifácio, e não Pedro, José, Manuel, João Cândido. Ora, este nome não é exatamente comum, nem mesmo entre brancos daquele mundo estancieiro. “Bonifácio” traz em si um traço de elevação, de altivez, a evocar, no contexto brasileiro do século 19, a figura maiúscula de José Bonifácio de Andrada e Silva, um dos irmãos Andradas, famosos em todo território nacional, em direção ao latim, quando encontraremos o significado de Bonifácio como “o que faz o bem”, algo por aí. Nada que ver com o Negro, que está nas antípodas disso, eis que ele traz o mal, o ciúme, o despeito, a morte enfim, conforme o conto. (Não me arrisco a adentrar nos chamativos mas obscuros territórios da psicanálise do autor, cujo pai se chamava Catão Bonifácio e, pelo que se sabe, tinha seu tanto de voluntarioso e talvez gabola.)

Há mais, no retrato do Bonifácio. A visão de Blau sobre ele é ambivalente, do começo ao fim: não o condena, mas não o salva. Nas primeiras linhas, Blau diz que Bonifácio é maleva, mas taura — malvado, mas valente. Adiante, ao descrever a estampa do conto, diz que ele “era um governo”, expressão com mais de uma camada de significação, porque reconhece no personagem uma autonomia forte, como um governo que manda em seus territórios (mas e os territórios do Negro

## O negro Bonifacio

... Si o negro era maléva ? Cruz !  
Era um condenado !... mas, taura,  
isso era, também !

Quando houve a carreira grande,  
do picaço do major Terencio e o tor-  
dilho do Nadico (filho do Antunes  
gordo, um que era rengo), quando  
houve a carreira, digo, foi que o ne-  
gro mostrou mesmo p'ra o que pres-  
tava...; mas foi caipora.

Escuite.

A Tudinha era a chinoca mais  
candongueira que havia por aquelles  
pagos. Um cajetilha da cidade duma  
vez que a viu botou-lhe uns versos  
mui lindos —p'r'o cazo— que tinha  
um que dizia que ella era uma

«..... chinoca airoza,

Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!...

□ E o sujeito quiz retouçar, poreim  
28 ella negou-lhe o estribo, porque ja  
trazia mais de quatro pelo beico, que  
eram dali, da querencia, e aquelle  
tal dos versos era teatino...

Alta e delgada, parecia assim um  
gerivá ainda novinho, quando balan-  
ça a copa verde tocada de leve por  
um vento pouco, da tarde. Tinha os  
pés pequenos e as mãos mui bem  
torneadas; cabelo cacheado, as so-  
brancelhas finas, nariz alinhado.

Mas o rebenqueador, o rebenque-  
ador..., crani os olhos !...

Os olhos da Tudinha eram assim  
a modo olhos de veado virá, assus-  
tado : pretos, grandes, com luz den-  
tro, timidos e ao mesmo tempo ha-  
raganos... pareciam olhos que esta-  
vam sempre ouvindo... ouvindo mais,  
que vendo...

Face cor de pecego maduro ; os  
dentes brancos e lustrosos como den-  
te de cachorro novo; e os labios da  
moroxa deviam de ser macios como  
treval, doces como mirim, frescos  
como polpa de guabijú...

E apezar de arisca, era foliona e  
embaçalava um cristão, pelo só falar,  
tão cativo...

No mais, buenaça, sem entono;  
e tinha de que, porque corria á boca  
pequena que ella era filha do capitão  
Pereirinha, estancieiro, que só ali,  
□ nos Guarás, tinha mais de não sei  
29 quantas leguas de campo de lei, po-  
voado. O certo é que o posto em  
que ella morava com a mãe, a sia  
Fermina, era um mimo; tinha de um  
tudo : lavoura, boa cacimba, um ro-  
deito manso; e a Tudinha tinha ca-  
valo amilhado, só do andar della, e  
alguma prata nos preparos.

Parecenças, isso, tinha, e não  
pouco, com a gente do capitão...

O velho, ás vezes, ia por lá, ses-  
tear, tomar um chimarrão...

Pois para a carreira essa, tinha  
acudido um povaréu imenso.

E ella veio, também, com a ve-  
lha. Velha, é um dizer, porque a sia  
Fermina ainda fazia um fachadão...

E deu o cazo que os quatro em-  
beicados também vieram, e um, o  
mais de todos, era o Nadico.

E sem ninguem esperar, também  
apareceu o negro Bonifacio.

E' assim que o diabo as arma...  
Escuite.

O negro não vinha por ella, não;  
antes mais por farrear, jogar e be-  
ber : elle era um perdidoça pela ca-  
chaça e pelo truco e pela taba.

E bem montado, vinha, num ba-  
28 gual lobano rabicano, de machinhos  
altos, peito de pomba e orelhas fi-  
nas, de tezoura; mui bem tozado a  
meio cogotilho, e de cola atada, em  
tres tranças, bem alto, onde canta o  
galo !...

eram o quê? Seu cavalo e as estradas reais, como o Blau da "Salamanca do Jarau"?) ou como quem detém as rédeas de uma dada situação, mas também porque diagnostica um jeito de ser totalmente particular, individual, de uma tal peculiaridade que o torna alvo de oposição, quem sabe mesmo de ataque inimigo.

O pólo oposto ao Bonifácio, no enredo, é a Tudinha. Nhá Tudinha é o nome da mãe de criação da personagem Til, de batismo Berta, do romance de mesmo nome de José de Alencar (publicado em 1872 e talvez conhecido por Simões Lopes Neto), romance que representa o mergulho mais radical de Alencar no mundo do sertão brasileiro, em que despontam figuras de negros escravos e de índios ou mestiços de escassa relação com o mundo branco ocidental. De que nome Tudinha é apelido? Não seria de Gertrudes ou Edeltrudes, dada a quase impossibilidade de um nome assim germânico, assim raro, no mundo gaúcheco; seria uma abreviatura de Virtudes, outro nome estranho mas existente?

Venha seu nome de onde vier, Tudinha está no pólo da totalidade, contra Nadico, seu principal pretendente, um nada, que vai ser vitorioso na carreira mas derrotado na conquista da moça. A mãe dela se chamava Fermina, no campo semântico de "firme", como ela de fato era na criação da moça, cujo pai, não oficial mas notório, era o Capitão Pereirinha — não estamos no domínio de um coronel, mas de alguém mais modesto, um capitão, e o sujeito não é conhecido por um aumentativo que lhe carresse respeito e impusesse medo, como é o caso do Tandão Lopes (do conto "Juca Guerra"), não por acaso nome de um gaúcho valente no trato com os animais e fiel aos amigos, como bom gaúcho segundo a ética que informa a obra de Simões Lopes Neto, não por acaso designação pela qual era conhecido ninguém menos que o pai do escritor, o já mencionado Catão Bonifácio.

Um sujeito estranho ao mundo social do conto tentou ganhar as atenções e os agrados de Tudinha, como lemos logo nas primeiras linhas do relato. Mas não ganhou. Ele tinha contra si o fato de ser "teatino", ademais de ser da cidade, portanto um tipo não exatamente confiável, nem provado na valentia e força requeridas no campo. "Teatino", conforme a insuspeita enciclopédia portuguesa Lello Universal (uso uma edição dos anos 1950, talvez 1940, sem data certa), é designação de coisa ou cavalo que não tem dono. Houaiss anota ainda o significado de forasteiro, registrando como origem da palavra o nome Teate, a atual cidade de Chieti, na Itália, sede de uma ordem religiosa, os Caetanos. A Tudinha, por seu lado, é qualificada como "a chinoca mais candongueira" daqueles pagos. Se a palavra *teatino* tem origem latina, *candongueira* não oferece dúvidas de sua ancestralidade africana, banto: sem poder decidir por um significado exclusivo, Houaiss aponta aqui conteúdos conexos, de trapaça, ação ardilosa, má-fé, mas também contrabando e carinho fingido; tudo somado e feitas algumas contas, *candongueira* designaria a mulher ardilosa, mas também carinhosa (ou carinhosa como meio de ser ardilosa?).

Quando se mexe no pântano das etimologias e das alusões, muita coisa pode vir à tona. Conteúdos históricos também são sugeridos de modo discreto pela narração. O mais notável é o "lenço colorado, com o nó republicano", apresentado em meio a uma profusão de detalhes da vestimenta e dos hábitos do Bonifácio. Lenço colorado se entende logo, mas apenas no sul do Brasil, porque fora daqui é raro relacionar imediatamente o termo "colorado" com a cor vermelha; e nos dois casos não é direta a conexão entre a cor vermelha no lenço e a posição farrapa, isto é, a posição dos que queriam a independência do Rio Grande do Sul, na forma republicana como foi. Já o nó dito republicano, ao que parece, é mesmo uma singularidade dos farrapos: na já citada enciclopédia Lello Universal, no verbete "nó", aparece como derradeiro item a composição "nó republicano": "modo engenhoso de atar o lenço que usavam, a tiracolo, os republicanos rio-grandenses de 1835".

De fato, esse modo de amarrar o lenço é não apenas marcante, como extremamente reconhecível, à distância mesmo: não se trata apenas de um nós diferente, mas de uma disposição toda particular, eis que o lenço é passado por baixo de uma axila e por cima do ombro oposto, à moda de um *boldrié*. Quem o usava fazia propaganda de sua posição política, com sua mera presença; quem o via, de longe ou de perto, sabia que estava diante de um homem com posições claras — e em ao menos dois sentidos uma posição problemática: sendo o Brasil uma monarquia até 1889, o portador do nó republicano fazia profissão de fé na república, e sendo o portador um negro, e apenas por isso, ele dizia, sem palavras, que era um sobrevivente da guerra, um negro que, quem sabe, alcançou alforria por bravura naquele decênio de sangue, seguramente um testemunho vivo da história, um exemplo para os escravos e uma ameaça para os donos de escravo. Em suma: era mesmo um governo, o negro. E que governo!

Um caso notável, que merece ser apreciado em separado, é o termo "misturada", usado por Blau para xingar a Tudinha, quando esta rejeita receber os doces combinados, em função da aposta que os dois fizeram. Quem diz "misturada" diz o oposto de "pura"; no contexto, temos ao menos duas dimensões implicadas nessa disjunção entre ser puro ou ser misturado. A primeira é de ordem étnica, já que o Bonifácio é, inequivocamente na opinião do narrador Blau, um negro, enquanto a

Tudinha é tratada por um termo menos preciso, "chinoca", que tende a ligar-se à condição índia, ou cabocla, mas não à condição negra, o que faz uma enorme diferença numa sociedade marcada pela escravidão de negros. Estaria o Bonifácio jogando em rosto à Tudinha sua pureza negra, contra a condição mestiça dela? A segunda é de ordem social: a Tudinha, como sabemos pelo relato, é filha da Siá Fermina e, ao que tudo indica, do capitão Pereirinha; isto é, a Tudinha é filha natural de um proprietário relativamente rico, o que pode ser também um conteúdo evocado na palavra "misturada" — ela pode até se passar moça regular, mas sua família é torta. Seja como for, é uma palavra de uso preciso e de grande repercussão, uma vez que é proferida pelo Bonifácio como insulto e evocada por Blau num ponto do relato em que o leitor (e o interlocutor de Blau, antes do leitor) não sabe(m) da razão daquela briga, que só ao final será enunciada.<sup>3</sup>

Tudo somado, podemos dizer que no plano da linguagem o conto de Simões Lopes Neto apresenta obstáculos não triviais para o leitor, mas oferece camadas profundas de significação, para muito além da superfície imediata das palavras, que cumprem funções muito sofisticadas no texto simoniano. Trata-se de uma linguagem trabalhada com maestria e discernimento superiores, porque as palavras não estão ali para marcar apego localista, mas como uma exploração das profundidades sociais, históricas, mentais daquele universo.

## II – Questões de estrutura

Pelo menos seis aspectos merecem comentário, no campo da estrutura da narrativa, da arquitetura do conto. O primeiro, sem dúvida, tem a ver com a abertura, que imediatamente impõe dimensões mais ou menos inesperadas, todas porém válidas e nada gratuitas. Começamos pelo fato de que "Negro Bonifácio" é o segundo conto do livro, logo após "Trezentas onças". Este, como se sabe, é um relato em primeira pessoa envolvendo essencialmente a ação do próprio narrador como personagem. Seu começo é assim:

— Eu tropeava, nesse tempo. Duma feita que viajava de escoteiro, com a guaiaca empacotada de onças de ouro, vim varar aqui neste mesmo passo, por me ficar mais perto da estância da Coronilha, onde devia pousar.

Parece que foi ontem!... Era por fevereiro; eu vinha abombado da froteada.

Olhe, ali, na restinga, à sombra daquela mesma reboleira de mato, que está nos vendo, na beira do passo, desencilhei; e estendido nos pelegos, a cabeça no lombilho, com o chapéu sobre os olhos, fiz uma sesteada morruda.

Blau viveu o que agora narra, o que torna a arquitetura do relato que abre o livro bastante linear. Apesar de haver uma pequena volta do processo narrativo no terceiro parágrafo, quando Blau convoca a um interlocutor ("Olhe ali, na restinga"), que compartilha o presente da narração com ele (mas não estava no tempo presente do episódio narrado), para que veja um mato, ali perto de onde estão. O leitor atento comorará esta complexidade — dois tempos, um no passado, quando Blau, tropeiro, sozinho, viveu a experiência que vai contar, e outro no aqui-e-agora do relato, em que Blau está acompanhado — com as informações da apresentação, em que uma voz, saída não se sabe de onde, apresenta Blau e pede que o "patrício" leitor o escute, porque valerá a pena. (Há aqui uma controvérsia, a meu juízo relevante, sobre quem diz quais partes daquela apresentação; remeto o leitor interessado à minha edição anotada dos *Contos gaúchescos* e das *Lendas do Sul*, em que analiso o caso com o detalhe e a seriedade que alcancei formular.)

Não assim em "Negro Bonifácio". Sua abertura, acentuatamente tortuosa, tem ainda mais força estruturante:

— ... Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!

Quando houve a carreira grande, do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico (filho do Antunes gordo, um que era rengo), quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora.

Esculte.

A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos. Um cajetilha da cidade duma vez que a viu botou-lhe uns versos mui lindos — pro caso — que tinha um que dizia que ela era uma

"..... chinoca airosa,

Lindaça como o sol, fresca co-



E na garupa, mui refestelada, trazia uma chirúa, com ar de que-rendona...

Heta ! negro pachola !

De chapéu de aba larga, botado no cocuruto da cabeça e prezo num barbicho de borlas murrudas, pas-sado pelo nariz; no pescoço um lenço colorado, com o nó republicano; na cintura um tirador de couro de lontra debruado de tafetá azul e mais cheio de cortados do que man-chas tem um boi salino !

E na cintura, atravessado com entono, um facão de tres palmos, de conta.

Na pabolagem, andava sozinho : quando falava, era alto e grosso e sem olhar para ninguem.

Era um governo, o negro !

Ora bem; depois de se mostrar um pouco; o negro apeiou a chirúa e ja meio entropigaitado começou a pastorejar a Tudinha... e tirando-se

dos seus cuidados encostou o cavallo rente no della e aí no mais, sem um — Deus te salve ! — sacudiu-lhe um convite para uma paradita na carreira grande. A piguanxa relanceou os seus olhos de veado assustado e não se deu por achada; elle repetiu o convite da aposta e ella então — depois explicou — de puro medo aceitou, devendo ganhar uma libra de doces, si ganhasse o tordilho. O tordilho era o do Nadico.

Ficou fechado o trato.

O negro — era ginetaço ! — deu de redea no lobuno, que virou direito, nos dois pés, e ja lhe cravou as chilenas, grandes como um pires, e saiu escaramuçando, meio ladeado !

Os quatro brancos se olharam...; o Nadico estava esverdeado, como defunto passado...

A Tudinha pegou logo a caturritar, e a couza foi passando, como esquecida.

Mas, que t... o negro estava ju-rado...

Escuite.

Entraram na cancha os parelheiros, todos dois pizando na ponta do casco, mui bem compostos e lindos, de se lavar com um bochecho dagua.

Fizeram as partidas ; largaram ; correram : ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho.

Depois rompeu um vozerio, a gente desparramou-se, parecia um formigueiro desmanchado; as parcerias se juntaram, uns pagavam, outros questionavam... mas tudo se foi arreglando em ordem, porque ninguem foi capaz de apontar máu jogo.

E foi-se tomar um vinho que os donos da carreira ofereceram, como gãuchos de alma grande, principalmente o major Terencio, que era o perdedor.

E a Tudinha lá foi, de charola.

No barulho das saúdes e das caçoadas, quando todos se divertiam, foi que appareceu aquelle negro excomungado, para aguar o pagode. Esbarrou o cavallo na frente do boliche; trazia na mão um lenço de sequilhos, que estendeu á Tudinha : havia perdido, pagava...

A moroxa parou em meio um rizo que estava rindo e firmou nelle uns olhos atravessados, esquizitos, olhos como p'ra gente que ja os conhecesse... e como sentiu que o cazo estava mal parado, para evitar o dezaguiçado, disse :

—Faz favor de entregar á mamã, sim ?!

O negro arreganhou os beiços, mostrando as canjicas, num pouco cazo e repostou :

—Ora, misturada !... eu sou teu negro, de cambão !..., mas não piá da china velha ! Toma !

mo uma rosa!..."

Há quatro aspectos a comentar aqui, relativamente à organização profunda do relato. O primeiro é, necessariamente, o início abrupto, que o leitor desavisado demora para realizar adequadamente — no plano sintático, o que temos na primeira frase é a pergunta de uma pergunta, uma pergunta de segundo nível, uma metapergunta: Blau, o narrador, ouve uma pergunta, antes de o conto começar (algo como "O negro era maleva?"), possivelmente já no curso de uma conversa sobre o personagem, diálogo iniciado muito provavelmente por Blau, que dele se terá lembrado por algum motivo; Blau responde a essa hipotética dúvida reperguntando a pergunta (algo como "Tu estás me perguntando se o negro era maleva?"). Aquela relação presente entre Blau e seu interlocutor, anunciada na apresentação e retomada no primeiro conto do conjunto, "Trezentas onças", aqui ganha uma carnadura concreta: o leitor entra na cena em meio à conversa entre os dois, ganhando um calor novo sua condição de testemunha.

(Vale anotar, de passagem, que na primeira edição não está posto o travessão citado como primeiro signo do texto aqui reproduzido: Simões Lopes Neto ali colocou as reticências, sinal de pontuação que usava com largueza, para traduzir na forma impressa a força expressiva da fala, nisso fazendo o que Adorno, em abstrato, comenta acerca da natureza quase musical dos sinais de pontuação, por isso mesmo tão importantes para um escritor como Simões Lopes Neto, um notório interessado nas relações entre fala e escrita<sup>4</sup>. A mim pareceu cabível e mesmo necessário marcar com este travessão inicial todos os contos, no livro, que colocam Blau em situação de contador da história em presença do interlocutor<sup>5</sup>.)

É claro também — segundo aspecto — que esse início sem mediação esclarece e reforça outro ganho da organização inventada por Simões Lopes Neto: refiro-me à identificação entre a segunda pessoa da fala de Blau, aquele patrãozinho que ele menciona, com a segunda pessoa do texto que está sendo lido, isto é, o leitor, qualquer leitor que esteja colocado diante das palavras do texto. Dito de modo trivial, o resultado é que o leitor se sente como se Blau estivesse contando para ele a história. (Exatamente o mesmo arranjo que Guimarães Rosa usaria, em 1956, em *Grande sertão: veredas*, e usaria, não custa repetir, depois de ler a edição Globo dos *Contos gauchescos*, como o comprova o exemplar a ele ofertado por Aurélio Buarque de Holanda e conservado no IEB-USP, como tive ocasião de verificar.) É assim, esta abertura, um enganche do conto na arquitetura geral do livro, que nem por ser hesitante é menos inteligente.

O terceiro aspecto a comentar do trecho inicial se apresenta em outro traço da linguagem. É que aqui temos, em grau elevado, o recurso de fazer o texto andar de modo sinuoso, tortuoso, alternando presente e passado e também oscilando entre o centro da tensão narrativa (entre o Bonifácio e a Tudinha) e aspectos secundários, da paisagem e de outras personagens. No trecho citado, poderíamos fazer o seguinte esquema para explicitar esse aspecto:

FRASE DO TEXTO	TIPO DE INFORMAÇÃO VEICULADA
— ... Se o negro era maleva? Cruz! Era um condenado!... mas, taura, isso era, também!	Descrição do Bonifácio, com juízos genéricos sobre ele, para apresentar o personagem ao interlocutor, na hora do relato
Quando houve a carreira grande	Foco no passado: posicionamento da história num tempo específico, aquela carreira
do picaço do major Terêncio e o tordilho do Nadico	Especificação dos cavalos que correram o páreo principal daquele dia
filho do Antunes gordo	Especificação de novo, em grau mais detalhado, da história do Nadico
um que era rengo	Especificação de novo, em grau mais detalhado ainda, agora para identificar o Antunes gordo
quando houve a carreira, digo, foi que o negro mostrou mesmo pra o que prestava...; mas foi caipora	Retorna ao começo da frase e ao posicionamento da história no tempo em que ocorreu, dando já uma manchete enigmática do ocorrido
Escuite	Foco no presente da narração: convocação direta à atenção do ouvinte de Blau, na hora em que está relatando
A Tudinha era a chinoca mais candongueira que havia por aqueles pagos	Foco no passado, mas abandonando o Bonifácio, que é o centro do interesse desde a primeira palavra do conto
Um cajetilha da cidade duma vez que a viu botou-lhe uns versos mui lindos — pro caso — que tinha um que dizia que ela era uma	Detalhamento da identidade da Tudinha mediante o relato de um caso ocorrido com ela, nascido da admiração de certo sujeito
"..... chinoca airosa, / Lindaça como o sol, fresca como uma rosa!..."	Detalhamento da cena envolvendo este sujeito, personagem sem qualquer importância para o enredo

A tabela serve para mostrar a costura minuciosa da fala de Blau, entre o presente da narração e o presente do narrado, e depois entre a informação principal e os dados acessórios. Tudo numa levada que — aqui a chave do acerto — simula no plano escrito o ritmo do relato oral, mas sem fazer força, sem artificialismos, porque o que foi imitado foi o ritmo, a alma da oralidade, e não a forma externa das palavras, que nos escritores menos inteligentes do período abundava, salvo naquela discreta alteração da palavra "escuite", com esse ditongo ali fazendo todo o papel de decalcar o som da fala.

Vale estender a comparação: aqui seria possível elencar vários exemplos de escritores do período que cometeram o erro, o equívoco preconceituoso de simular a fala na escrita mediante um decalque direto do som da fala na ortografia. Veja-se o caso de Catulo da Paixão Cearense, poeta e cancionista contemporâneo de Simões Lopes Neto e como ele um interessado na vida e na fala dos de baixo, no texto a seguir, que já no título mostra sua opção equivocada.

*U poeta du sertão* [1908]  
Si chora o pinho  
Im desafio gemedô  
Não hai poeta cumo os fio  
Du sertão sem sê doutô  
Us óio quente  
Da caboca faz a gente  
Sê poeta di repente  
Qui a Pusia vem du amô

Não há poeta, não há  
Cumo os fio do Ceará

O abismo entre a escrita culta formal e o registro em que Catulo opera é evidente e aliás parece ter sido concebido para isso mesmo, para demarcar tal distância. Afetivamente, Catulo estava do lado do personagem a que dá voz, este cuja fala vem decalcada na escrita de modo ingênuo; mas sua opção estilística, sem que ele soubesse claramente, antes rebaixava do que dignificava o personagem. Escrever, para figurar na boca do personagem que canta, "u poeta du sertão" sugere que haja, na boca de gente culta, uma outra realização oral, "o poeta do sertão", quando sabemos que não há tal fala, na vida real brasileira, porque todos, cultos e incultos, dizemos "u poeta du sertão", e jamais, salvo em casos extremos de pernosticismo, "o poeta do sertão". O mesmo caso poderá ser rastreado em outros contemporâneos e companheiros de rota de Simões Lopes Neto: Coelho Neto ("Oia, véia, toma bem conta dela, não dêxa ela", como se lê em *Rei negro*) e Valdomiro Silveira ("Mal duma vez, Lainha; 'tou cumprindo o fado, 'tou no rúim", como se lê no conto "Constância", de *Os caboclos*).

Em texto célebre, Antonio Candido reconhece, ainda que de segunda mão, a rara e correta opção de Simões Lopes Neto: "Segundo a maioria dos críticos, apenas Simões Lopes Neto fez narrativa realmente boa dentro deste enquadramento comprometido [prefere-se a uma "linhagem especificadora" da literatura do começo do século 20, impregnada em registrar peculiaridades da vida brasileira], porque soube, entre outras coisas (como se tem assinalado), escolher os ângulos narrativos corretos, que identificavam o narrador com o personagem e, assim, a distância paternalista e a dicotomia entre o discurso direto ("popular") e o indireto ("culto")<sup>6</sup>. Pois bem: isso que Candido realça — a escolha do correto ângulo narrativo por Simões Lopes Neto, quer dizer, a criação genial de Blau Nunes como narrador — se corporifica mesmo é no ritmo do relato, naquela trança delicada entre os planos, como acima exemplificado.

Vamos ao quarto aspecto: ao longo do conto, ocorre uma série de marcas, pequenas e sutis intervenções do narrador Blau no relato do curso dos acontecimentos, marcas que dão ritmo, no plano geral, à história narrada. Essas marcas são de duas ordens: uma é escrita em palavras, enquanto a outra se expressa por espaços. Da primeira são exemplos as seguintes frases:

— "Escuite", repetida cinco vezes espalhadas pelo conto, em momentos de transição das cenas;

— "É assim que o diabo as arma", dita logo após apresentar, um de cada vez, os dois protagonistas, Bonifácio e Tudinha, com detalhe, e de dizer que naquela carreira compareceram outros enamorados dela, além de "piguancha beijuda" na companhia do Negro;

— "Eta, negro pachola", comentário sumário feito por Blau logo após mencionar essa moça, a parceira de Bonifácio;

— "Era um governo, o negro", proferida em seguida da descrição do temperamento altivo e insubmisso do personagem;

— "Que peleia mais linda!", comentário relativamente inesperado, de celebração da briga, dito antes de começar o relato da briga propriamente dita.

Todas essas frases são pontos de inflexão no ritmo do relato: elas não são relato em si, mas comentário ou exortação; mesmo assim, ou por isso mesmo, colocadas onde estão, elas pontuam a narração, simulando

E estendeu-lhe o braço, oferecendo o atado dos doces.

Aqui, o Nadico manoteou e no soflagrante sopezou a trouxinha e sampou com ella na cara do muçúm.

Amigo ! Virje'nossa senhora !

Num pensamento o negro boleou a perna, descascou o facão e se veiu!... O lobuno refugou, bufando.

Que peleia mais linda !

Vinte ferros faisaram; era o Nadico, eram os outros namorados da Tudinha e eram outros que tinham contas a ajustar com aquelle tição atrevido.

Perto do negro Bonifacio, septado sobre um barril, sem ter nada que ver no angú, estava um paizano tocando viola : o negro — p'ra fazer boca; o malvado ! —, largou-lhe um revés, tão bem puchado, que atorou os dedos do coitado e o encordoamento e afundou o tampo do *estruamento* !...

Fechou o salseiro.

O Nadico mandou a adaga e atravessou a pelanca do pescoço do negro, roçando na veia arteria; o major tocou-lhe fogo, de pistola, indo a bala, de refilão, lanhar-lhe uma perna... o ventana quadrava o corpo, e rebatia os talhos e pontações que lhe me-neavam sem pens.

E calado, estava; só se via no carão preto o branco dos olhos, fuzilando...

Ai !...

Foi um grito doido da Tudinha... e ja se viu o Nadico testavilhar e

caír, aberto na barriga, com a buchada de fóra, golfando sangue !...

No meio silencio que se fez, o negro ainda gritou :

— Come agora os meus sobejos !...

Depois, roncou, tal e qual como um porco acuado... e então, foi uma couza barbara !...

Em quatro paletadas, desmunheando uns, cortando outros, esgaravando outros, enquanto o diabo esfrega o olho, o chão ficou estivado de gente estropeada, espirrando a sangueira naquelle reduto.

E' verdade tambem que elle estava todo esfuracado : a cara, os braços, a camisa, o tirador, as pernas, tinham mais lanhos que a picanha de um reiuno empacador : mas não quebrava o corincho, o trabuzana !

Aquillo seria por obra dalguma oração forte, que elle tinha, cozida no corpo.

A esse tempo, era tudo um alarido pelo acampamento; de todos os lados chuvia gente no lugar da briga.

A Tudinha, agarrada ao Nadico, com a cabeça pouzando-lhe no colo, beijando-lhe ella os olhos embaciados e a boca ja morrente, alí, naquella hora braba, á vista de todo o mundo e dos outros seus namorados, que se esvaíam, sem um consolo nem das suas mãos nem das suas lagrimas, a Tudinha mostrava mesmo que o seu camote preferido era aquelle, que primeiro desfeiteou e cortou o negro, por cauza della...

também elas a origem falada do caso.

A outra série de marcas acontece por utilização singular do espaço físico do papel em que lemos a história. Assim como Simões Lopes Neto não economiza travessões, reticências, pontos de exclamação e de interrogação, essas notas quase musicais do texto escrito, também assim ele abunda na submissão do espaço visual aos propósitos narrativos. Temos várias linhas em branco, em momentos-chave do relato, de vez em quando acompanhando alguma das frases acima mencionadas; se isso já se constitui num uso inteligente da, digamos, respiração visual, mais ainda ocorrerá na localização espacial de certas palavras e frases, no meio da linha, atestando grande inventividade, uma inventividade quase poética. Nessa condição aparecem os cinco casos de "Escute!" e as frases expressivas "Fechou oalseiro", "Ai!..." e "Ah, mulheres!...".

Quase no mesmo sentido, há ainda outro aspecto do ritmo narrativo que mostra, com sobras de evidência, o quanto Simões Lopes Neto era avançado na administração das informações objetivas do enredo e das marcas sutis do clima da história. Refiro-me aqui ao que se poderá chamar, sem trair em nada o universo do cinema, de "close-ups", que surpreendem por mostrar, em outro patamar, a singularidade da criação simoniana. (Faz pensar: que filmes terá ele visto? Teve tempo de entender, por intuição ou por dedução, algo dos mecanismos narrativos dessa novíssima arte de seu tempo, ele que morreu em 1916? Terá ele percebido a dinâmica do corte e montagem?)

(Antes de passar aos casos concretos, valeria falar, por alto, da grande qualidade da visão de realismo que tem o escritor pelotense. Veja-se o momento em que ocorre o relato da carreira propriamente dita: ela é centro do enredo, num sentido diretamente ligado às peripécias do conto — ali se define que o cavalo em que Tudinha apostou ganha a corrida, motivando o pagamento da aposta por parte do Bonifácio. Mas Simões Lopes Neto, inteligentemente, relata a corrida em si de modo ultraeconômico: são duas linhas, não mais que duas linhas. "Fizeram as partidas; largaram; correram; ganhou, de fiador, o do Nadico, o tordilho". Isso e nada mais. Quatro verbos no centro de interesse, e escassíssimas informações para além deles. Trata-se de uma virtude fácil de perceber por contraste: se fosse um escritor menor, um naturalista querendo mostrar serviço, ele teria gasto dezenas de linhas na descrição miúda da movimentação dos cavalos, um na frente e logo o outro ganhando terreno, o suor escorrendo do pescoço, a mão firme do ginete, o olhar da platéia, enfim uma série de detalhes que um escritor menos inteligente teria posto ali, como forma de exibir seus músculos descritivistas e ganhar o aplauso fácil dos admiradores do Parnasianismo, que eram talvez a maioria dos leitores cultos daquele momento. Mas não: bem ao contrário desse recurso fácil ao brilho trivial, desse jogo para a torcida, nosso brilhante escritor prefere a economia, em favor do ritmo e da valorização do efetivo centro de interesse literário, a saber, a psicologia e as ações dos dois personagens centrais, Bonifácio e Tudinha. Se alguém quiser um argumento para aquilo que alguns chamam de "universalidade" de Simões Lopes Neto — fique claro que não me valho desse tipo de enquadramento conceitual, para mim difícil de defender e mesmo de conceber —, aqui terá matéria suficiente.)

São três momentos principais de "close-up", cada um deles criteriosamente aproveitado para, por contraste, intensificar a carga dramática da cena. (Estou passando por cima da inteligente alternância de planos mais abertos ou mais fechados, que ocorre todo o tempo no conto.) O primeiro close vem na frase "O lobuno refugou, bufando", que Blau profere exatamente depois de dizer que Bonifácio tirou o facão da bainha e se dirigiu ao Nadico, para dar início à "mais linda" peleia. O ritmo é notável: um plano visual aberto, retratando o Negro descendo do cavalo, com a cara ainda quente de haver recebido o golpe da trouxinha de doces lançada pelo Nadico, e um corte abrupto para um detalhe, de modo a fixar a imagem do focinho do cavalo, bufando. Que acerto narrativo!

O segundo close acontece logo em seguida, já no aceso da briga: ocorre um golpe do Nadico contra o pescoço do Negro e um tiro desferido pelo major contra ele, e ocorrem os movimentos de corpo do agredido, para safar-se dos ataques; aí entra o detalhe visual: "só se via no carão preto o branco dos olhos, fuzilando". O branco dos olhos: a câmera imaginária precisa aproximar-se fortemente do rosto dele, para poder captar o detalhe, que dá notícia dramática, tensa, do conjunto da cena toda.

O terceiro e último ocorre logo depois da morte do Bonifácio, depois de duríssimo enfrentamento, em que ele é atacado mas também ataca, até que leva um tiro de boleadeira, uma bola no tempo da cabeça e outra nas costelas. Aí ele vai, "como boi desnucado, de boca aberta, a língua pontuda", elementos que já se pode dizer que estão num close, mas ainda em continuidade com a cena geral — e então o sensacional detalhe: "mexendo em tremura uma perna [a câmera vai seguindo seu corpo, de cima para baixo, estendendo no chão], onde a roseta da chilena finia, miúdo..." A roseta da espora finia, e finia "miúdo": impressionante a força desse detalhe, dando conta do movimento involuntário do recém-assassinado em sua totalidade, porque este barulho é o último sinal de vida daquele homem tão voluntarioso.

### III – O fim, ou melhor, os fins

"Negro Bonifácio" não é o único conto de Simões Lopes Neto que carrega o traço de ter mais de um final; para dizer de modo mais genérico, não é o único a se organizar dentro de uma moldura refinada. Mas nele talvez tenhamos o caso mais sofisticado dessa construção, na qual o enredo em si — a aposta na corrida e o que se segue quando o perdedor vai saldar sua dívida — vem precedido de uma série de preliminares e, mais ainda, vem encerrado por uma série de finalizações.

Muitos contos trazem consigo uma moldura marcante: há uma preliminar, ligada diretamente à apresentação da situação concreta do narrador Blau (ele lembra de certa história e a anuncia ao interlocutor, antes de começar a contá-la), e há uma pós-liminar, com perdão pelo trocadilho, ligada a um comentário de Blau acerca do que acabou de narrar, envolvendo muitas vezes um retorno ao presente em que ele e seu interlocutor se encontram. Isso ocorre nos contos "No manantial", "O mate do João Cardoso", "Correr equada", "Melancia—Coco verde", "Juca Guerra" e "Artigos de fé do gaúcho". Ocorre parcialmente em "O boi velho", "Os cabelos da china", "O anjo da vitória", "Duelo de farrapos", "Penar de velhos" e "O 'menininho' do presépio". Não ocorre em "Trezentas onças", "Deve um queijo!...", "Chasque do Imperador", "Contrabandista", "Jogo do osso" e "Batendo orelha!...", contos estes em que a voz narrativa se ocupa puramente com os episódios narrados, com a peripécia.

Na primeira série mencionada acima, porém, a moldura tem grande relevo, e em "Negro Bonifácio" essa construção ganha potência superior, em relação ao conjunto da obra. Quanto ao começo, à arrancada do conto, vimos antes que há todo um meneio, toda uma trama de apresentação de dados que enlaça direta e indiretamente o interlocutor de Blau. No final, no desfecho do conto, porém, a coisa cresce, alcançando proporções impressionantes. Vejamos.

Pode-se dizer que o conto termina 5 ou 6 vezes. Em que sentido ele termina? Bem, não tratamos aqui de recuperar toda a teoria do conto moderno, mas não custa lembrar que há um paradigma nítido, estabelecido por Edgar Allan Poe em meados do século 19, tanto na prática de contos seus, quanto em seu famoso ensaio teórico "A filosofia da composição": todo conto, pensava ele, deve pensar-se em função de seu desfecho (conhecida como "teoria do efeito"), e este desfecho deve representar não apenas o desenlace da trama quanto o ponto de convergência de tudo que o relato tiver alinhado em sua duração.

Simões Lopes Neto nada tem a ver com isso, por certo. Se leu Poe ou não, jamais saberemos, dada a escassez de dados documentais sobre sua formação e sua vida de leitor; é verossímil que tenha lido, como o leram vários escritores de sua geração e de antes (por exemplo Machado de Assis, para citar o caso mais notório, o de um grande contista da língua, o primeiro escritor brasileiro a praticar o conto no patamar da excelência). Mas mesmo se o leu não seguiu seus passos: por acaso ou por intenção, o certo é que o escritor pelotense precisou forjar outras estruturas, e o fez movido pela atenção que prestou ao material histórico e humano que abordou, o mundo gaúcho, a partir de gente simples, gente das posições inferiores na sociedade patriarcal da estância.

Que estrutura inventou? Bem, "Negro Bonifácio" exemplifica bem. Em sentido genérico, podemos dizer que Simões Lopes Neto praticou o que já se chamou de "conto enquadado", modelo de narrativa antiquíssimo, com representantes clássicos como o *Decamerão*, de Boccaccio, ou os *Contos de Cantuária*, de Chaucer: várias histórias independentes entre si, mas unidas por um mesmo narrador, também personagem, ou por uma situação concreta, passada em certo lugar e em certo tempo, em que vários narradores tomam a palavra, sucessivamente, para relatar casos. Nosso escritor, voluntária ou involuntariamente, socorreu-se dessa forma ancestral de relato, atribuindo a Blau Nunes a voz narrativa, sempre (mesmo que em alguns contos, os do terceiro grupo mencionado acima, ele não aparece como tal e mesmo nem seja personagem) e inventando, ou ao menos postulando, um interlocutor mudo, que atravessa o conjunto do livro sem tomar a palavra diante do leitor, ainda que interaja vivamente com Blau.

Por que terá escolhido (se é que foi escolha) esse modelo, e não o moderno modelo Poe? Meu palpite: Simões Lopes Neto intuiu, como tantas outras vezes fez, que a matéria de que se ocupava — o mundo da estância, com suas limitações e potencialidades, um mundo em que, como notou argutamente Raymundo Faoro em ensaios magistrais, ainda havia restos de vida comunitária a organizar os laços sociais — não se conformaria ao modelo moderno, ligado umbilicalmente à cidade, ao ritmo de sua urgência, à ética de seus moradores, e requeria, ao contrário, formato mais maleável, em que coubesse a visão de mundo, o ritmo e a linguagem do mundo rural; em favor deste mundo, da possibilidade de fazer falar a esse mundo, é que o escritor precisou retomar uma velha tradição (como faria Guimarães Rosa depois, na mesma direção).<sup>8</sup>

Conto enquadado, portanto, mas com um acréscimo, penso: a abundância de finais, 5 ou 6, conforme a conta. Por certo que o primeiro final ocorre quando Bonifácio é morto, "mexendo em tremura uma per-

Foi então que um gäücho gade-llhudo, mui alto, canhoto, desprende-  
da cintura as boleadeiras e fel-as  
roncar por cima da cabeça... e quando  
fa a soltal-as, zunindo, com força  
p'ra rebentar as costelas dum boi  
manso, e que o negro estava co-  
cando o tiro, de facão pronto p'ra  
cortar as sogas..., nesse mesmo mo-  
mento e instante a velha Fermina en-  
trou na roda, e ligeira como um gato,  
varejou no Bonifacio uma chocatei-  
ra de agua fervendo, que trazia na  
mão, do chimarrão que estava chu-  
pando...

O negro urrou como um touro  
na capa...; a rumo no mais avançou o  
braço, e fincou e suspendeu, levantou  
a velha, estorcendo-se, atravessada no  
facão, até o, *éssé*...; ao mesmo tempo,  
mandado por pulso de homem um  
bolaço cantou-lhe no tampo da cabe-  
ça e logo outro, no costilhar, e o  
negro caiu, como boi desnucado, de  
boca aberta, a lingua pontuda, me-  
chendo em tremura uma perna, onde  
a rozeta da chilena tinía, miúdo...

Patricio, escuite !

Vi então o que é uma mulher ra-  
bioza... ; não ha mancia nem buçal  
que sujeite : é peior que homem !...  
negro, retalhou-lhe a cara, de ponta  
e de córte... e por fim, espumando e  
rindo-se, dezatinada — bonita, sem-  
pre !—, ajoelhou-se ao lado do cor-  
po e pegando o facão como quem  
finca uma estaca, tateou no negro so-  
bre a bexiga, p'ra baixo um pouco —

vancê comprehende ?... — e uma, duas,  
dez, vinte, cincoenta vezes cravou o  
ferro afiado, como quem espicaça uma  
cruzeira numa toca... como quem quer  
estraçalhar uma couza nojenta... como  
quem quer reduzir a miangos uma  
prenda que foi querida e na hora  
é odiada !...

Em roda, a gäüchada mirava, de  
sobrancelhas rugadas, porém quieta:  
ninguem apadrinhou o defunto.

Nisto um sujeito que vinha a  
meia redea sufrenou o cavallo quazi  
em cima da gente : era o juiz de paz.

Mais tarde vim a saber que o  
negro Bonifacio fóra o primeiro a...  
a amanoncar a Tudinha: que ao de-  
pois tomára novos amores com outra  
fulana, uma piguanxa de cara chata,  
beijuda; e que naquelle dia, para se  
mostrar, trouxera na garupa a nova-  
ta, ás carreiras, só de pirraça, para  
encanzinar, para tourear a Tudinha,  
que bem viu, e que apezar dos ar-  
rastados de aza daquella moçada  
e sobretudo do Nadico, que já a con-  
vidara para se acolherar com elle,  
sentira-se picada, agoniada da desfei-  
ta, que só ella e o negro entendiam  
bem...; por isso é que ella ficou como  
cobra que perdeu o veneno...

Escuite.

Ate hoje me intriga, isto : como  
uma morena, tão linda, entregou-se á  
um negro, tão feio ?...

Seria de medo, por elle ser

na, onde a roseta da chilena tinha, miúdo..." É final porque com sua morte acaba o enredo: ele perdera a aposta, foi pagar o que devia, desfeiteou a moça ("Ora, misturada") e recebeu o ataque do Nadico e dos outros namorados dela, e em seguida de todos os circunstâncias. Era o final da morte do protagonista. Mas não é o último final do conto.

Blau usa do recurso de convocação direta de seu ouvinte ("Patrício, escute!") para relatar o que fez a Tudinha no corpo do negro, vazando seus olhos com o facão tirado de sua mão já sem forças e depois, em cena de grande força, estraçalhando sua genitália, com a mesma arma. É o segundo final, que, pensado o conto como roteiro de filme, poderia trazer força de grande impacto ao desfecho da história: mulher bonita, tendo perdido a mãe e o namorado por obra do Bonifácio, agora desgredada e com o facão nas mãos, sangrando o morto, como um animal. Era o final da vingança da mulher contra o homem. Mas não é o último final.

Há um terceiro final, de outra ordem: no parágrafo imediato ao recém-mencionado, o narrador diz que "ninguém apadrinhou o defunto", coisa esperável até para bandidos mortos, quando a vingança já tenha sido tomada; em seguida, anuncia, mais uma vez como se fosse coisa pequena, a chegada do juiz de paz, que encarna a figura do Estado naquele contexto, tão afastado do império da lei impessoal preconizada pela organização política moderna. É como se então, no terceiro desfecho, estivéssemos diante da vitória da Lei, do Estado, da Modernidade, contra a barbárie, a truculência, a sociedade em que vigora a lei do mais forte e os pactos de sangue. Era o final da lei. Mas não é o último deles.

Aqui, Blau faz um flash-forward em relação ao tempo do narrador, avançando até o momento em que veio a saber dos motivos reais daquela desavença toda: é que o Bonifácio fora o primeiro a ter relações sexuais com a Tudinha, e depois ele tomara a iniciativa de procurar outra mulher, aquele que ele trouxe à carreira, para causar ciúmes na Tudinha. Mas isso tudo era segredo entre os dois, só revelado, de modo cruel e enviesado, na batalha campal seguida da morte dele. É o quarto final, o final das razões, dos motivos da ação narrada, e ainda não é o último.

Logo a seguir, vêm os dois últimos finais, ou, talvez, o último deles. Relatados até os motivos da ação, o que restaria contar? Nada. Nem assim, porém, se encerrou o enquadramento que deu início ao conto: agora, é a hora de Blau filosofar, especular sobre os motivos profundos que ali estiveram envolvidos, tentando entender o sentido da coisa, que não foi pouca. Ele se pergunta se havia ali, naquela vingança, amor, perdão, ciúme ou o quê, no que poderemos considerar como o quinto final, o final da especulação filosófica. Mas ainda há quatro frases.

E elas falam em outro patamar: não se trata mais de especulação filosófica, mas de redução da complexidade vivida ou revista na história do Bonifácio e da Tudinha a um conjunto de frases feitas, de clichês, de lugares-comuns, que para Blau são um bálsamo: "Ah, mulheres!... / Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma coisa... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malícia que um sorro velho". Com elas, sua consciência se acalma, o mundo se recompõe e a vida pode seguir seu curso, para o qual esses rompantes de irracionalidade precisavam representar a exceção, não a regra — mesmo que vivam todos num universo violento, mediado por guerras e saudosos do brutal apresamento de cavalos selvagens (em "Correr eguada"), um mundo masculino em que as escassas mulheres são centrais, e não apenas para a reprodução, como se vê nos relatos de paixão e sangue do livro.

#### IV – Algum comentário final

Imitando agora a fala de Blau, no penúltimo final do conto, poderíamos repetir agora algo de suas palavras, como conclusão um tanto desconchavada: até hoje me intriga isso — por que motivos toda uma coletividade queria tomar vingança do Bonifácio? Não seria por ele ter se relacionado sexualmente com a moça Tudinha, seria? Acho que não; ao menos não seria isso um motivo relevante para matá-lo, imagino, embora tal intimidade possa ter sido motivo suficiente de raiva da mãe dela contra ele, para nem falar dos enamorados que disputavam sua atenção. (O tema da virgindade ou de um possível tabu relativo a isso, é matéria para discussão; na tradição do mundo rural remoto, não é incomum o homem casar-se com mulher experiente e até com um prostituta, desde que 'tirada da vida', como se pode ler em mais de uma passagem da obra de Guimarães Rosa e como se pode estimar ser encontrado, senão mesmo comum, no mundo do pampa nos inícios da ocupação européia. Veja-se um caso análogo que é relatado em "Os cabelos da china", em que a china do título trocou de parceiro sem maior drama, nem para ela, nem para o novo namorado. Quero dizer: não se pode ler em "Negro Bonifácio" um problema de tipo burguês, do mundo moral em que a virgindade tornou-se importante moeda no mercado do casamento. A ser razoável essa hipótese, não seria a perda da virgindade da Tudinha um motivo por si só suficiente para toda aquela raiva contra o Bonifácio.) Seria pela gaiatice dele, de aparecer com um cavalo todo paramentado e com aquela piguancha com ar de querendona?

Ou por ele andar livre e altivo por aí, como um espectro vivo de um problema cem por cento não resolvido, o da escravidão, ele que não apenas era negro como ainda por cima ostentava o nó republicano, para quem quisesse ver?

Vá saber. O certo é que "Negro Bonifácio" raia pela tragédia: assim como o herói trágico clássico é condenado porque cometeu a "hybris", transgrediu uma norma ancestral que garantia a convivência pacífica do todo social, também o Bonifácio... bem, transgrediu alguma norma ancestral, ou mais de uma, que garantia a convivência pacífica do todo social. O Bonifácio é, à semelhança do herói trágico clássico, de Édipo a Hamlet (mas sem o poder do rei grego, nem a expectativa de poder do príncipe dinamarquês), alguém que encarna a impossibilidade absoluta de convivência entre duas épocas, duas éticas, duas formas de ser e pensar irreconciliáveis (a escravidão versus a liberdade, o mundo da valentia individual versus o mundo da lei impessoal, o mundo da guerra versus o mundo da manha jurídica), que a história, em sua sucessão, apartou sem apelação, mas que o cotidiano ainda obriga a conviver; por isso deveu morrer.

Mas vive para sempre, nas páginas sensacionais de Simões Lopes Neto, como personagem requintado, como caso trágico, como totem, como figura entranhadamente histórica.

#### BIBLIOGRAFIA MENCIONADA

ADORNO, Theodor. "Sinais de pontuação", in *Notas de literatura I*. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.

CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.

FISCHER, Luís Augusto e ARAÚJO, Homero. "Raymundo Faoro, leitor de Simões Lopes Neto e de Ramiro Barcellos", revista *Nonada*, vol. 2, nº 19, 2012.

LESKOV, Nikolai. *Homens interessantes e outras histórias*. Trad. Noé Oliveira Policarpo Polli. São Paulo: Editora 34, 2012.

\_\_\_\_\_. *A fraude e outras histórias*. Trad. Denise Sales. São Paulo: Editora 34, 2012.

MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio. Os significados da liberdade no sudeste escravista – Brasil, Séc. XIX*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

NETO, J. Simões Lopes. *Contos gauchescos e Lendas do sul*. Edição de Luís Augusto Fischer (fixação do texto, apresentação e notas). Porto Alegre: L&PM, 2012.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Edição crítica de Aldyr Garcia Schlee. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, UNISINOS, 2006.

MACHADO, Ana Maria. *Recado do nome – Leitura de Guimarães Rosa à luz do nome de seus personagens*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003, 3ª ed.

Luís Augusto Fischer

mau?... Seria por bobice de innocente?... Por elle ser forçado e ella, franzina?... Seria por...

Que, de qualquer forma ella vingou-se, isso, vingou-se...; mas o resto que ella fez no corpo do negro? Foi como um perdão pedido ao Nadico ou um despique tomado da outra, da piguanxa beijuda?...

Ah! mulheres!..

Estancieiras ou peonas, é tudo a mesma couza... tudo é bicho caborteiro...; a mais santinha tem mais malicia que um sorro velho!..